

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LIXO DOS
EDUCANDOS DO COLÉGIO AGRÍCOLA DE
CAMBORIÚ-CAC/SC

LILIANE KOBARG DA COSTA

2008



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LIXO DOS EDUCANDOS DO
COLÉGIO AGRÍCOLA DE CAMBORIÚ-CAC/SC**

LILIANE KOBARG DA COSTA

Sob a orientação do Professor

Claudio Luiz de Alvarenga Barbosa

Dissertação submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de **Mestre em
Ciências**, no Programa de Pós-Graduação
em Educação Agrícola, área de concentração
Educação Agrícola.

Seropédica/RJ

Setembro de 2008

304.2
C837r
T

Costa, Liliane Kobarg da, 1961-
As representações sociais de lixo dos
educandos do Colégio Agrícola de Camboriú-CAC/SC
/ Liliane Kobarg da Costa - 2008.
63f.: il.

Orientador: Claudio Luiz de Alvarenga Barbosa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós
Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 60-61.

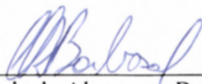
1. Educação ambiental - Camboriú (SC) - Teses.
2. Reaproveitamento (Sobras, refugos, etc.) -
Teses. 3. Colégio Agrícola de Camboriú, SC -
Teses. I. Barbosa, Claudio Luiz de Alvarenga,
1967-. II. Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós Graduação em Educação
Agrícola. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

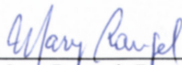
Liliane Kobarg da Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 08 de setembro de 2008.



Claudio Luis de Alvarenga Barbosa, Dr. UFRRJ/IM



Mary Rangel, Dra. UFF



Gabriel de Araújo Santos, Dr. UFRRJ

Dedico este trabalho ao meu amado filho Túlio.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos e amados pais exemplo de profissionalismo, luta, respeito e honestidade.

As minhas amigas e companheiras de trabalho, muito obrigada pelas conversas, carinho, apoio, estímulo e cumplicidade nas angústias.

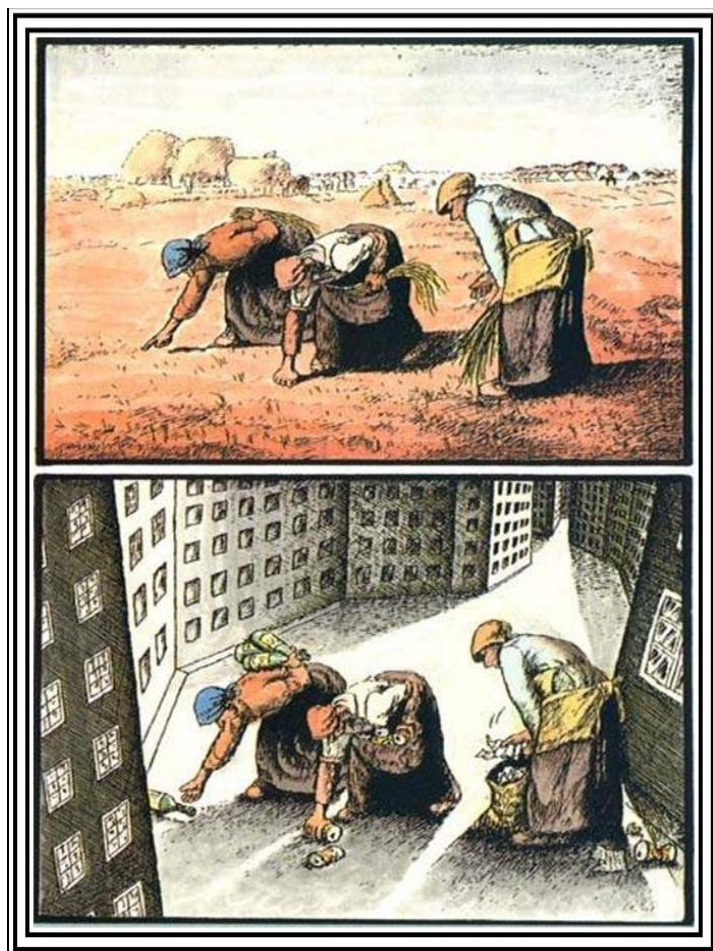
Jô, abraço forte, valeu amiga, te amo muito.

Aos queridos professores do PPGEA, exemplo de comprometimento, empenho, generosidade e por nos levarem a refletir sobre o ensino profissionalizante e a responsabilidade social da escola enquanto mediadora da construção do sujeito cidadão.

Agradecimento especial a Gabriel, Sandra, Akiko e Nilson – do PPGEA, pelo apoio, compreensão, incentivo e por acreditarem no meu projeto.

Ao meu orientador professor Dr. Claudio Luiz de Alvarenga Barbosa, o meu muito obrigada por aceitar o desafio da orientação e pela compreensão e tolerância durante o período de construção da dissertação.

Aos educandos que contribuíram na pesquisa o meu abraço.



RESUMO

COSTA, Liliane Kobarg da. As representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú-CAC/SC. 2008. p. 78. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2008.

A prática do descarte de lixo a céu aberto, principalmente por parte do educando, no ambiente escolar, foi o que motivou esta investigação. Neste sentido procuramos perceber a concepção de lixo dos educandos do CAC, seu comportamento em relação ao lixo e seu comprometimento enquanto cidadão pelas questões ambientais causadas pelo descarte inadequado deste objeto. E, para entendermos essa postura diante da interação do objeto pesquisado e os indivíduos, buscamos identificar as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú, bem como se a educação ambiental ministrada como disciplina contribui ou pode contribuir para formar ou modificar essas representações. O público alvo foram os educandos das primeiras e das terceiras séries dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática, concomitantes ao Ensino Médio. A metodologia utilizada para identificar as representações sociais de lixo dos educandos foi a análise do discurso embasada na perspectiva moscoviciana. Através da observação participante e da aplicação de um questionário, investigou-se as concepções de lixo dos educandos ao ingressarem na primeira série, bem como a concepção de lixo ao chegarem à terceira série. Pretendeu-se nesta análise identificar alguma modificação, reelaboração, releitura da representação social de lixo dos educandos dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática, pois reconhecemos a educação ambiental como um tema interdisciplinar, capaz de auxiliar e conduzir a construção de uma sociedade mais solidária, um cidadão mais comprometido e responsável socialmente e preocupado com a complexidade do fenômeno do consumo no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: consumo, educação ambiental, lixo e representação social.

ABSTRACT

COSTA, Liliane Kobarg da. Social representations of litter produced by the student body of Camboriú Agricultural College, Santa Catarina (Colégio Agrícola de Camboriú-CAC/SC). 2008. p. 78. Dissertation (Máster of Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2008.

This investigation was motivated by the practice of throwing away litter in the open air. In particular by those being educated in the school environment. In this sense, we are trying to work out what the CAC student body's (i) conception of litter is, (ii) their attitude towards litter and (iii) their commitment as citizens regarding environmental issues arising from the inadequate disposal of litter, the object under investigation. In order to better understand student posture towards this litter - individual interaction, we aim to identify any social representations in student littering at 'Colégio Agrícola de Camboriú'. We are also investigating if Environmental Education, taught as a school subject, contributes, or could contribute, to form or modify such representations. The target public was the first and third year students on technical courses in Agriculture and Livestock, also IT, both concomitant with High School. Discourse analysis based on the Moscovici perspective was used to identify social representations of student littering. By means of participant observation and the application of a questionnaire, (i) the conception of student littering on entering the first year as well as (ii) the conception of littering when reaching the third year, were investigated. The aim of this analysis was to identify any modification, reelaboration, and rereading of the social representation of student littering by those on the above mentioned courses. Our results recognise Environmental Education as an interdisciplinary theme capable of aiding and leading to the construction of a more solidary society, to citizens who are more committed and socially responsible, and concerned about the complexity of the phenomenon of consumption in the contemporary world.

Key words: consumption; Environmental Education; littering; social representation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Identificação dos educandos pesquisado, segundo o sexo.....	43
Tabela 02 – Identificação dos educandos pesquisados, segundo a idade	44
Tabela 03 – Identificação dos educandos pesquisados, onde concluiu a 8º Série, em escola pública ou particular	44
Tabela 04 – Categorias selecionadas a partir da descrição sobre o entendimento de lixo dos educandos de Agropecuária e Informática, referente à primeira questão do questionário sobre percepção de lixo	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Justificativa e Problemática.....	14
1.2 Objetivo Geral.....	16
1.3 Objetivos Específicos.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Conceituando Lixo.....	18
2.2 Consumismo: A Cultura do Ter.....	20
2.3 A Teoria de Representações Sociais: Alguns Pressupostos para a Pesquisa Qualitativa ..	27
3 METODOLOGIA	32
3.1 Pesquisa Qualitativa.....	32
3.2 Estudo de Caso: Uma Abordagem Qualitativa	33
3.3 Público-alvo.....	33
3.4 Observação e Questionário.....	34
3.4.1 Observação participante e o ambiente escolar.....	34
3.4.2 Questionário: uma entrevista estruturada.....	35
3.5 Pré-testagem.....	35
3.6 Análise do Discurso na Perspectiva Moscoviciana.....	35
3.7 Análise do Questionário.....	40
4 COLETA DE DADOS: A OBSERVAÇÃO E A ANÁLISE DISCURSIVA.....	42
4.1 Os Educandos, seus Grupos, o Cotidiano Escolar e a Comunicação.....	42
4.1.1 Identificação dos sujeitos investigados.....	42
4.1.2 Descrição das observações.....	44
4.1.3 A descrição e análise das falas dos educandos sobre lixo.....	47
5 CONCLUSÃO DAS FALAS DOS EDUCANDOS SOBRE LIXO.....	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXO 1 - PESQUISA: PERCEPÇÃO DE LIXO.....	62

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade baseada nas diferenças. Diferenças sociais, ambientais, educacionais, culturais, econômicas, étnicas, ideológicas, territoriais. Essas diferenças, entre outras, estão representadas nos contrastes socioeconômicos, nas agressões ao ambiente, gerados pelos modelos econômicos da nossa sociedade global. Nossos padrões de consumo e produção são as causas principais de desequilíbrios ambientais graves. Somos, poderíamos dizer, resultado daquilo que desejamos e aspiramos: a sociedade do descartável, do lixo. Ao refletirmos sobre o nosso comportamento em relação ao lixo produzido, consumido e descartado no meio ambiente, podemos nos questionar: agimos localmente pensando globalmente, temos uma consciência ambiental de lixo, reconhecemos o risco gerado pelo lixo que produzimos e descartamos no nosso entorno.

A quantidade de lixo produzido e descartado em nossa sociedade se apresenta como um dos grandes impasses ambientais, principalmente quando depositados de forma inadequada. O problema da poluição causada pelo lixo levou a sociedade a buscar e desenvolver práticas para minimizá-los, reutilizá-los, reciclá-los e depositá-los de forma ambientalmente aceitável.

Pensar na origem e no destino final do lixo, nos remete a alguns questionamentos e entendimentos sobre temas, tais como: meio ambiente, políticas públicas participativas, coleta seletiva, reciclagem, educação ambiental, comprometimento sócio-ambiental, desenvolvimento econômico, economia solidária, impacto ambiental, contaminação, poluição, consumo, entre outros.

Os conceitos apresentados acima são correntes em nosso cotidiano. As pessoas os interpretam, os incorporam ou não, dependendo da maneira como cada ser humano representa o mundo. Dessa forma, a educação formal ou não formal deve incorporar conteúdos, diretrizes e atividades ambientais permanentes em seus programas e dirigir-se a pessoas de todas as idades, de todos os níveis, intensificando assim a reflexão sobre os temas apresentados anteriormente.

O gerenciamento do lixo em nossa sociedade, principalmente nos centros urbanos, se baseia em coleta e no afastamento do lixo. Acontece, assim, algo que passa muitas vezes despercebido pela população: o lixo desaparece dos nossos olhos. Com este descaso não nos damos conta dos graves problemas causados pela quantidade do lixo e seu gerenciamento.

Outra maneira de perceber o gerenciamento do lixo é o número de catadores circulando em nosso entorno. O já conhecido gari se transformou no “empresário do lixo”, organizando-se muitas vezes em cooperativas. Podemos então considerar que o lixo hoje gera trabalho e o seu reaproveitamento ajuda a preservar os recursos naturais.

Atualmente, 405 municípios brasileiros operam programas de coleta seletiva, atendendo a 26 milhões de brasileiros com acesso a esses programas. E, 43,5% desses programas têm relação direta com cooperativas de catadores¹.

Entretanto, o lixo gerenciado de forma incorreta transforma-se em foco de doença e contaminação, o que pode ocasionar problemas de saúde pública e ambiental. Ainda hoje, pessoas recorrem aos lixões em busca de alimento e materiais que garantam o seu sustento.

A nossa sociedade, incorporando ao lixo vários significados, faz dele um tema complexo, que cada vez mais ocupa espaço na mídia, na comunidade escolar, na política, na sociedade global. Por outro lado, a atitude do indivíduo ao gerar o lixo, também acaba influenciando os processos de produção, acondicionamento, coleta, transporte e tratamento desse lixo.

¹ Dado coletado na página do CEMPRE (Compromisso Empresarial pra Reciclagem), www.cempre.org.br. O CEMPRE é uma associação sem fins lucrativos que trabalha para conscientizar a sociedade sobre a importância de reduzir, reutilizar e reciclar lixo por meio de programas de conscientização. A entidade utiliza-se de publicações, pesquisas técnicas, seminários e mantém para consulta pública um rico banco de dados sobre o assunto, em sede na capital paulista.

Nas últimas décadas do século XX, alguns segmentos da sociedade passaram a considerar a educação ambiental um instrumento importante e fundamental para as mudanças sociais, incorporando a essa discussão a questão do lixo. Como podemos constatar nas recomendações da Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental², o objetivo fundamental dessa modalidade educacional é

lograr que os indivíduos e a comunidade compreendam a natureza complexa do meio ambiente natural e do meio ambiente criado pelo homem, resultante da integração de seus aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais, e adquiram os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participar responsável e eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais, e da gestão da questão da qualidade do meio ambiente. (DIAS, 1999, p. 64).

Refletindo essa preocupação da comunidade internacional, a questão do meio ambiente apareceu como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apresentado às escolas em 1998 pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação. E numa espécie de “efeito cascata”, o Colégio Agrícola de Camboriú (CAC), Instituição Federal que oferece o Ensino Médio (vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina), incluiu em seus currículos, a partir de 1999, áreas de estudo e atividades que atendessem as necessidades locais e regionais, conforme a Política Nacional de Educação Ambiental. O Art. 2º da Lei 9.795/99 esclarece que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999, p. 36).

Nesse contexto, em 2001, o CAC incluiu no currículo do Curso Técnico em Agropecuária a disciplina “Formação Ambiental”, ministrada na primeira série, tendo como objetivo refletir sobre as nossas ações diante dos problemas fundamentais e urgentes da vida social. Portanto, a educação ambiental no CAC não é vista como um tema a ser tratado em todas as disciplinas. Neste ambiente escolar é dado um enfoque específico, ou seja, as questões ambientais são temas pontuais, e o tema ambiental está reduzido a esta disciplina.

O lixo nos é apresentado como um dos causadores dos principais problemas ambientais da nossa sociedade, podendo ser visto como um importante tema interdisciplinar a ser tratado por toda a comunidade escolar. Reconhecendo a produção e acúmulo de lixo como um dos geradores dos problemas ambientais mais eminentes de nossa sociedade, constatamos a necessidade de repensar nossas práticas de consumo e descarte.

No ambiente físico do colégio constatamos a prática do descarte a céu aberto de lixo, principalmente por parte do educando, pois após os intervalos de recreio e almoço, mesmo com lixeiras próximas, o lixo é descartado no chão. Neste sentido, procuramos perceber a concepção de lixo dos educandos do CAC, seu comportamento em relação ao objeto investigado e seu comprometimento enquanto cidadão pelas questões ambientais causadas pelo descarte inadequado deste objeto.

Para entendermos essa postura diante da interação do objeto pesquisado e os indivíduos, buscamos identificar as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú, e como a educação ambiental ministrada como disciplina contribui ou pode contribuir para formar ou modificar essas representações. **Cacilda Teixeira da Costa**
especial para a **Folha de S.Paulo**

1.1 Justificativa e Problemática

² Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, conhecida como a Conferência de Tbilisi, celebrada em Tbilisi, de 14 a 26 de outubro de 1977, na Geórgia, organizada pela UNESCO em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

O Colégio Agrícola de Camboriú (CAC) iniciou suas atividades pedagógicas em 1962 com o Curso Ginásial Agrícola, sendo que de 1965 até 1968 foi oferecido, simultaneamente, o Curso Técnico em Agropecuária. Desde 2000, além da formação profissional agrícola, esta instituição educacional oferece formação profissional na área de Informática, Meio Ambiente e Transações Imobiliárias.

A abertura de novos cursos profissionalizantes fez com que essa instituição perdesse a sua característica particular de ensino agrícola, mantendo em princípio, o seu ambiente físico com as mesmas características. Além disso, o corpo educando do Colégio Agrícola de Camboriú é formado por educandos oriundos de várias localidades, comunidades rurais e comunidades urbanas, com perspectivas profissionais distintas, pois a instituição oferece cursos na área agrícola, na área ambiental, na área da informática e transações imobiliárias.

Com os diversos cursos oferecidos pelo Colégio Agrícola de Camboriú, houve um aumento dos atores sociais desta comunidade escolar. Formada por um número maior de educandos, funcionários e professores podemos supor que ocorreu também um aumento significativo do lixo produzido e descartado no meio ambiente escolar e o agravamento de problemas ambientais causados por esse lixo.

Vivenciamos um modelo econômico consumista, onde a moda dita as regras. Compramos aquilo que necessitamos e algo mais, e com isso utilizamos e compramos equipamentos que rapidamente se tornam obsoletos, sendo cada vez mais descartáveis.

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na Norma Brasileira de Resíduos 10004 (NBR 10004), conceitua resíduos sólidos (lixo) como:

Resíduos nos estados sólido e semi-sólido, que resultam de atividades da comunidade de origem: industrial, doméstica, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes dos sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o lançamento na rede pública de esgoto ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis face à melhor tecnologia prática disponível. (ABNT, 1987, p.1-2).

O lixo produzido e descartado pela comunidade escolar do CAC é composto por resíduo com características do lixo doméstico, de escritório, agrícola e de varrição. Se considerarmos que lixo é “tudo o que se varre para deixar limpa uma casa, rua, jardim, etc. Restos ou coisas inaproveitáveis. Imundície; sujeira; cisco.” Luft (2005, p.485), observamos que o lixo nos é representado por diversos significados, pois aquilo que é resto para alguns, deixa de ser resto para outros, transformando-se em meio de sobrevivência ou de garantia de uma sociedade comprometida com a preservação do ambiente e dos recursos naturais.

Caminhando pelos ambientes da escola constatamos a presença de lixo depositado e descartado a céu aberto. O manejo inadequado desse lixo se encontra entre as questões mais problemáticas para a manutenção da qualidade do meio ambiente escolar, que busca uma formação de qualidade e que desperte nos indivíduos a sua dimensão cultural e ambiental. Dessa forma, encontramos na instituição dificuldades relativas às práticas de descarte final. O descarte de lixo perfurocortante da enfermaria e do consultório odontológico, por exemplo, ainda não recebe um tratamento satisfatório pelo órgão municipal da saúde, no que diz respeito à frequência do recolhimento. Também encontramos dificuldades na armazenagem do lixo, como os vidros quebrados nas dependências da escola, bem como no destino adequado de materiais recicláveis como o isopor.

Mesmo com lixeiras distribuídas em corredores e pátios, encontramos lixo descartado no chão próximo a elas. Esta prática do descarte de forma inadequada do lixo se observa principalmente entre os educandos. E devido à formação heterogênea desse corpo educando, acreditamos ser necessário identificar como esse público concebe e qual a sua relação com o objeto de nossa pesquisa: o lixo.

Neste contexto, podemos inferir que o termo lixo hoje se encontra imbuído de significado próprio e a sociedade o absorve, o interpreta e o modifica continuamente. Deixou de ser um termo puramente objetivo para se transformar em uma representação social. Segundo Moscovici (1978), em representação social

não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou do grupo), que o sujeito e o objeto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum. O objeto está inscrito num contexto ativo, dinâmico, pois que é parcialmente concebido pela pessoa ou a coletividade como prolongamento de seu comportamento e só existe para eles enquanto função dos meios e dos métodos que permitem [...] conhecê-lo. (p.48).

Como afirma esse autor, uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema onde se incluem também os preconceitos, as ideologias, os valores e hábitos de uma sociedade. O caráter social de uma representação social transparece numa função específica que ela desempenha na sociedade, contribuindo para os processos de formação, de condutas e de orientação nas comunicações e nas ações sociais.

Para Moscovici (1978), as representações sociais

são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano.[...] As representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro lado, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica.(ibid, p.41).

Para a realização da pesquisa em representação social de lixo, inicialmente identificamos a percepção de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú ao ingressarem nas primeiras séries, para posteriormente construir um paralelo com a percepção dos educandos das terceiras séries sobre o objeto, descrevendo e identificando pelas suas falas, se o convívio de três anos com o ambiente escolar modifica ou re-constrói as representações sociais do lixo dos sujeitos pesquisados.

Os educandos das terceiras séries vivenciam as atividades desenvolvidas pela disciplina de Formação Ambiental na primeira série do curso técnico em Agropecuária, portanto, poderemos constatar se a representação social de lixo dos educandos do CAC sofre alguma alteração ou ocorre uma nova interpretação da representação social de lixo após a convivência neste novo contexto escolar.

Neste estudo de caso, o público alvo são os educandos das primeiras e das terceiras séries dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática. Gostaríamos de frisar que somente aos educandos do curso Técnico em Agropecuária é ministrada a disciplina Formação Ambiental na primeira série do curso técnico. Pretende-se então analisar se o tema meio ambiente, proposto pelos PCNs, e a educação ambiental, proposta como um dos princípios da Política Nacional de Meio Ambiente (1999), contribuem ou não na elaboração ou modificação de representações sociais do lixo nos educandos do CAC ao terminarem o curso. E ainda, se há alguma modificação, reelaboração, releitura da representação social de lixo dos educandos dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática.

1.2 Objetivo Geral

- Identificar as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú (CAC).

1.3 Objetivos Específicos

- Analisar as concepções teóricas e metodológicas de representações sociais como aporte para as interpretações das percepções dos educandos do CAC;
- Observar os educandos do CAC, nos intervalos de recreio e almoço, sua relação com o lixo, o que ele reconhece, produz como lixo e como ele o descarta;
- Observar as atividades pedagógicas de educação ambiental desenvolvidas pela comunidade do Colégio Agrícola de Camboriú e propor estratégias de discussão sobre as representações sociais de lixo;
- Reconhecer o processo construtivo de representações sociais de lixo dos atores sociais envolvidos na investigação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As pesquisas em representações sociais nos possibilitam investigar a representação de alguma coisa, de um objeto, de alguém ou de um acontecimento, onde as características do sujeito e do objeto se manifestam em um contexto particular e pontual. Portanto, o senso comum que temos sobre determinado assunto, como o entendemos, o construímos, o interpretamos, e nos relacionamos com os objetos e os fatos em nosso cotidiano.

Em representações sociais o conhecimento surge, emerge do mundo individual das pessoas e através das trocas e encontros se expressam os interesses, as necessidades e os desejos. A pesquisa em representações sociais se situa na interação do singular e do coletivo, como uma forma de compreender, de dar significado à realidade da vida cotidiana e como a comunidade constrói essa realidade no seu contexto social. Segundo Jodelet, 2001, “Não há representação sem objeto.” O ato de representar é um ato do pensar, envolve relação. Construímos conhecimentos a partir das relações individuais e coletivas, das relações sociais, pois essas relações trazem a tona as nossas peculiaridades frente aos objetos, em um espaço onde compartilhamos e elaboramos socialmente um conhecimento e re-construímos, re-modelamos uma representação social.

Vivemos numa sociedade consumista que gera uma quantidade de lixo cada vez maior, sem que esse lixo tenha um destino adequado. Como poderíamos continuar consumindo, mas de uma forma mais igualitária e respeitando o meio ambiente? Como amenizar o uso dos recursos naturais, a contaminação do solo, água e do ar, e ao mesmo tempo diminuir as áreas ocupadas com aterros sanitários?

Em nossa sociedade tudo se torna descartável, ou seja, usamos e jogamos fora. Os recursos naturais que nos rodeiam deveriam ser usados de uma forma consciente para que não devolvêssemos apenas toneladas de lixo que contaminam e prejudicam o meio ambiente. Dessa forma, nossos padrões atuais de produção e consumo colocam em risco a vida do Planeta.

Entretanto, mudar hábitos não é uma tarefa fácil. Exige novos padrões comportamentais e culturais, mudanças de valores e significados, um novo estilo de vida, uma nova percepção de lixo, consumo e de sociedade.

2.1 Conceituando Lixo

Para muitas pessoas, lixo é o resto de coisas, é o "inaproveitável". No dicionário da língua portuguesa lixo é definido como “entulho. Tudo que não presta e se joga fora. Sujidade; sujeira; imundície. Coisa e coisas inúteis, velhas, sem valor, ralé” (FERREIRA, 1986, 1042).

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR 10004, 1987) conceitua-se o lixo como resíduos nos estados sólido e semi-sólido. Podem ser de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição, bem como os lodos provenientes de tratamento de água e do saneamento básico, das estações de tratamento de esgoto.

Conforme a periculosidade dos resíduos, o lixo pode ser classificado em função de suas propriedades físicas, químicas e infecto-contagiosas. Identificando-se assim, aqueles que podem oferecer riscos à saúde pública e riscos ao meio ambiente, quando manuseado ou destinado de forma inadequada.

Em nossa sociedade as percepções de lixo estão repletas de diversos significados e interpretações. Podemos olhar o lixo a partir de diferentes valores e conceitos, que por sua vez

se manifestam através dos comportamentos sociais e culturais, das inter-relações e do diálogo entre as formas de organização e de comunicação social. As diversidades culturais, sociais e comportamentais permeiam as compreensões e representações sociais de lixo.

Hoje, o seu significado já não tem mais a mesma definição encontrada nos dicionários da língua portuguesa, como tudo que não presta e se joga fora, sem valor. No nosso cotidiano, o lixo pode ser sinônimo de recurso e meio de sobrevivência: o que é lixo para muitos deixa de ser lixo e se transforma em mercadoria, em dinheiro.

Os diversos significados de lixo são incorporados, circulam no nosso discurso, no cotidiano das escolas, assim como, nos vários segmentos da sociedade, tais como na indústria, na agricultura, no comércio, na mídia. O lixo é utilizado como tema gerador nas campanhas de educação ambiental, em documentários divulgados pela mídia e em campanhas de coleta seletiva. No entanto, a quantidade de lixo produzido, suas formas de produção, consumo e descarte é um dos grandes problemas ambientais gerado pelo homem e pelo modelo econômico capitalista que impera em nossa sociedade.

Além disso, o problema (ou recurso) lixo é muitas vezes a fonte de renda de muitos indivíduos, possibilitando-lhes também certa inclusão social. Um catador de lixo, por exemplo, exerce uma função social e ambiental.

Documentos como a “Agenda 21”³ refletem um certo consenso mundial sobre a necessidade de desenvolvimento da cooperação internacional em relação às questões ambientais. Encontramos, nessa publicação, reflexões sobre o dilema ambiental global e a conseqüente tensão encontrada hoje na relação entre a espécie humana e a natureza. E ainda, no seu vigésimo primeiro capítulo, encontramos as diretrizes para o gerenciamento de lixo compatível com a preservação do ambiente.

Para uma correta compreensão do meio ambiente, não podemos deixar de levar em consideração que ele é produto de uma conjugação de processos que tem raízes tanto numa ordem física, quanto ambiental e que os processos ora são dominados, ora excluídos por uma racionalidade econômica (LEFF, 2001). Para Leff o ambiente é repetidamente apresentado por uma perspectiva econômica, dando a ele uma funcionalidade produtiva, uma racionalidade, quando se fala em produtividade ecológica e inovação tecnológica.

Somente quando se define adequadamente o objeto de uma pesquisa relativa ao meio ambiente e se identifica a sua situação problema é que se podem organizar equipes multidisciplinares de pesquisa para solucionar os problemas relacionados a desenvolvimento econômico e ambiente. Segundo Sato (2003), a abordagem da educação ambiental deve ser interdisciplinar, sendo utilizada como ferramenta efetiva para a solução dos problemas ambientais.

No caso do Colégio Agrícola de Camboriú (CAC), a educação ambiental é ministrada como disciplina somente para as turmas das primeiras séries do curso técnico em Agropecuária. Não podemos, neste momento, deixar de lembrar a importância dada à educação ambiental no curso técnico em Meio Ambiente, a filosofia do curso é a educação ambiental, com disciplinas direcionadas que sensibilizam os sujeitos sobre o seu comprometimento e sua responsabilidade social.

Entretanto, o lixo produzido na escola mantém a característica dos resíduos domésticos, dos estabelecimentos comerciais e públicos. Em sua composição encontramos restos de comida, papel, papelão, vidro, plástico, metais, pano, madeira, osso, bem como podas de árvores e sobras de jardim, que são gerados pelas atividades práticas de manejo e ensino de uma escola de característica agrícola. E esse lixo que produzimos e descartamos é envolvido por representações que devem ser analisadas em seus aspectos ambientais e sociais.

O lixo é identificado como uma situação problema no CAC, pois ainda encontramos em seu entorno, lixo descartado a céu aberto, próximo às lixeiras, como

³ A Agenda 21 é o principal documento elaborado na Rio-92 (Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano) organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas) onde 147 países afirmam valores e ações que contribuam para a transformação humana e social e para a preservação ecológica.

abordado na problemática e justificativa desta pesquisa. Observamos que o padrão de consumo dos educandos do colégio revela valores e significados, portanto sentimos a necessidade durante a pesquisa de buscar os conceitos de consumo que permeiam o pensar, o sentir, o agir e o ter da sociedade contemporânea.

2.2 Consumismo: A Cultura do Ter

A linguagem da cultura materialista se faz presente nos discursos e publicações da sociedade contemporânea. O comportamento de compra, o que e por que se consome, bem como as formas de comercialização são temas divulgados pelos meios de comunicação. Revistas, jornais, livros, programas de TV são editados para atender as necessidades dos cidadãos, e, através da propaganda acabam sociabilizando o consumo.

Percebemos que o tema consumo se faz presente no discurso contemporâneo, uma rede de informações e subjetividades amplia cada vez mais o quadro de atores sociais que se envolvem em pesquisas de predomínio da economia, do marketing e da propaganda. Portanto, várias áreas do conhecimento começam a estabelecer trocas, fortalecendo as relações entre os grupos de investigadores, como observamos no mundo acadêmico, entre os ambientalistas, os historiadores, sociólogos, filósofos, psicólogos, cientistas, educadores e os formuladores de opinião pública. Esses pesquisadores pontuam suas reflexões sobre a sociedade materialista, onde o consumo exagerado, os meios de produção e a desigualdade social em seu entendimento agravam os problemas relacionados à sobrevivência da humanidade e o equilíbrio ambiental.

Muitos autores destacam o consumo como o lugar de conflito entre as classes, originado pela participação desigual na estrutura produtiva e agravado pela desigual, distribuição e apropriação dos bens necessários à sobrevivência. A idéia de consumir nos dá a idéia de pertencimento a redes sociais.

Em nossa sociedade o consumismo se revela como um dos grandes geradores dos problemas ambientais e sociais que a humanidade enfrenta e enfrentará no século XXI. O estilo de vida ou o padrão do consumo se agrava a partir do industrialismo e vem sendo acordado por autores que se dedicam a compreender seus significados e conseqüências para a sociedade contemporânea e as futuras gerações.

Segundo Heller e Fehér (1998, apud PORTILHO, 2005) “os estilos de vida burguês e proletário centravam-se no desempenho na esfera do trabalho, na sociedade pós-industrial o centro de atividades fundamentais tornou-se o lazer e o consumo” (p. 27). Entendemos, portanto que durante o processo de industrialização aconteceram mudanças nos valores e costumes principalmente com o surgimento da classe média, a habilidade do trabalhador começa a ser construída a partir das necessidades das etapas de produção. Com as mudanças que ocorreram nos processos de produção do Fordismo para o Toyotismo, observamos que os padrões de produção se modificam principalmente devido à exigência deste novo consumidor. Os carros fabricados durante o movimento Fordista eram padronizados, tinham as mesmas cores e o mesmo design. Com o avanço da indústria, do capitalismo e com a abertura do comércio, a produção se diversifica, portanto com o Toyotismo, novos modelos automobilísticos são lançados para atender os desejos e necessidades deste novo consumidor. A diversidade dos novos produtos lançados no mercado e o surgimento deste novo consumidor, cada vez mais exigente, acaba estimulando a produção da indústria e, como conseqüência, observamos a exploração dos recursos naturais e os impasses socioambientais decorrentes do aumento do consumo e das desigualdades sociais.

Esse deslocamento da crise ambiental da produção para o consumo é visto como duas forças opostas, uma fortalece os mecanismos de desintegração social e política, pois favorece a apropriação privada dos bens naturais e reduz os vínculos de solidariedade e a

participação na esfera pública e a outra força agrega e emancipa, fortalece a participação individual e coletiva nas reflexões e decisões políticas e socioambientais cotidianas.

A Revolução Industrial impõe à sociedade moderna uma nova ética, a da produção e do consumo. O aumento das mercadorias oferecidas pela indústria e a abertura dos novos mercados facilitam a distribuição dos produtos e incentivam o indivíduo a comprar. O conhecimento de novas culturas, as viagens aos outros países, o comércio de mercadorias importadas, levam o homem a desejar o novo, o diferente. O exótico atrai a atenção dos sujeitos. A revolução dos meios de transporte e de produção, com suas máquinas movidas a vapor são representadas nas obras do período romântico, os artistas expressam nas suas obras os sentimentos e ideais políticos, bem como a violência, a traição, a revolução, o amor, a ficção, e o deslumbramento pelas novas tecnologias e culturas. O desejo pelo novo muitas vezes é estimulado pela propaganda contribuindo assim de forma definitiva para o perfil do consumidor moderno.

McKendrick (1982, apud CAMPBELL 2001) ao refletir sobre os padrões de consumo da sociedade no século XVIII, escreve: “Eu tentei mostrar como a manipulação da emulação social fez os homens procurarem ‘luxos’ onde anteriormente só haviam adquirido coisas ‘decentes’, e coisas ‘decentes’ onde anteriormente só haviam adquirido “o indispensável”” (p. 37). Neste período a diversidade de produtos relacionados principalmente ao vestuário começa a se modificar rapidamente, estimulando os cidadãos a estarem na moda e a consumir. O comércio recorrendo à propaganda mantém o interesse do consumidor e estimula a classe em ascensão, a burguesia, a adquirir coisas novas consideradas supérfluas anteriormente.

Podemos constatar que nas sociedades do século XVIII, tanto na Inglaterra, como na França, ocorreram mudanças de hábitos e valores decorrentes dos modos de organização e produção, influenciando assim os padrões de consumo da classe média, como a procura por lazer de cunho cultural, o consumo por obras literárias de ficção e obras de arte.

As ações e comportamentos da sociedade contemporânea nos remetem como nos afirma Campbell (2001), em sua obra “A ética romântica e o espírito do consumismo moderno” aos movimentos históricos que influenciaram a construção dos atuais padrões de consumo. O autor reconhece que os ideais do pensamento romântico do século XVIII que impulsionaram a Revolução Francesa e Industrial constituem o pensamento que permeia o consumismo moderno.

No período romântico a cultura materialista da aristocracia foi absorvida pela classe em ascensão, a burguesia, onde os prazeres hedonistas dos nobres e o acesso aos bens materiais e de serviços alimentam o desejo de equidade de consumir da classe burguesa, uma nova ética de consumo, portanto, se apresenta à sociedade.

Neste contexto, para Campbell (2001) “a comercialização ficou muito notória, com o desenvolvimento de uma “indústria manufatureira da ficção”, que se ligava à agressiva propaganda, com planos especiais de assinatura e de publicação parcial projetados para superar o alto custo dos livros”. (*ibid* p. 44). Os romances publicados eram consumidos principalmente por mulheres da classe média. Segundo o autor, a leitura por obras românticas, a ascensão da moda e do amor romântico configuram um feixe de fenômenos culturais que acabaram alterando os valores e atitudes da sociedade moderna.

Compreendemos que os modelos e os estilos de vida de uma parcela da população mundial degradam o ambiente natural e o acesso igualitário aos recursos indispensáveis à vida, acentuando os conflitos e as desigualdades sociais, o acúmulo do capital, bem como o acesso desigual aos produtos de bens materiais e serviços considerados de necessidade básica.

Para Portilho (2005),

o padrão de consumo das sociedades ocidentais modernas, além de socialmente injustos e moralmente indefensáveis, como criticado há tempos, são ambientalmente insustentáveis.[...]Por um lado, o ambiente natural está sofrendo uma exploração excessiva que ameaça a estabilidade dos seus sistemas de

sustentação (exaustão de recursos naturais renováveis e não renováveis, desfiguração do solo, perda das florestas, poluição da água e do ar, perda da biodiversidade, mudanças climáticas etc). Por outro lado, o resultado dessa exploração excessiva não é repartido equitativamente e apenas uma minoria da população planetária se beneficia desta riqueza...[...] este estilo de vida ostentatório e desigual pode dificultar a garantia de serviços ambientais essenciais para as futuras gerações.(p.23)

Observamos que os discursos sobre as questões ambientais até a década de 1970 divulgavam que a crise dos recursos naturais se intensificava, devido ao crescimento demográfico dos países em desenvolvimento. Os movimentos estudantis que ocorreram neste período se manifestam contra a cultura materialista e racionalista imposta pela sociedade capitalista, e lutam por seus ideais românticos de liberdade, paz e amor, como o movimento hippie que propunha uma nova compreensão e construção de sociedade. Mas, o discurso se modifica, novas representações são incorporadas ao senso comum da sociedade sobre as questões ambientais, a partir da Conferência de Estocolmo.

Um novo olhar, uma nova representação social sobre as questões ambientais se estabelece: do crescimento populacional dos países do Sul para os padrões de produção dos países do Norte, acentuando ainda mais as desigualdades entre as nações, o uso excessivo dos recursos naturais por uma parcela da população em detrimento da maioria, bem como a sociabilização dos impactos ambientais.

Segundo Portilho (2005),

os países em desenvolvimento tornaram explícito o argumento de que a crise ambiental estava localizada, principalmente nas nações industrializadas, onde o estilo de produção, seja capitalista ou socialista, requer grande quantidade de recursos e energia do planeta e causa grande parte da poluição e do impacto ambiental. (ibid, p.25)

Os modos de produção e as tecnologias utilizadas tanto na indústria, como na agricultura são reflexos de modelos de desenvolvimento construídos na crença de resolver os problemas de produção, da fome e das desigualdades socioambientais em âmbito global.

Conforme nos afirma Barbosa e Campbell (2006) em nossa sociedade contemporânea

o consumo é ambíguo porque por vezes é entendido como uso e manipulação e/ou como experiência; em outras, como compra, em outras ainda como exaustão, esgotamento e realização. Significados positivos e negativos entrelaçam-se em nossa forma cotidiana de falar sobre como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos do universo a nossa volta. (p.21)

Percebemos que a própria etimologia do termo consumo demonstra a sua ambigüidade, a palavra consumo deriva do latim “consumere”, que significa usar tudo, esgotar e destruir; nos dicionários da língua portuguesa encontramos como significado do verbo consumir: “gastar até o fim”. Portanto, adquirir algo e usá-lo até o fim. E consumismo, segundo Luft (2005), significa: “aquisição exagerada de bens para uso próprio” (p.233). Encontramos duas dimensões no conceito de consumo, de esgotamento não só dos recursos naturais, mas também de uma dimensão física e emocional, quando se refere na aquisição para uso próprio, individual.

A sociedade contemporânea se apropria dos bens materiais para se reproduzir física e socialmente, para satisfazer suas necessidades básicas, de fome, sede, abrigo, mas também para remediar as relações sociais. A aquisição de bens materiais confere status, constrói identidades e estabelece fronteiras entre os grupos que constituem a sociedade contemporânea.

Para Campbell (2006 apud BARBOSA; CAMPBELL, 2006) “o consumismo moderno está, por sua própria natureza, mais preocupado em saciar vontades do que em satisfazer necessidades” (p. 49).

Constatamos que a cultura do ter, o consumo de bens materiais e de serviços desnecessários permeiam os discursos, os diálogos, as conversações contemporâneas. Para April Benson (2000:505 apud BARBOSA, CAMPBELL, 2006) “O ato da compra é um ato de auto-expressão, que nos permite descobrir quem somos” (*ibid* p.53).

Campbell (2006 apud BARBOSA; CAMPBELL, 2006) faz uma analogia com a famosa frase de Descartes “Penso, logo existo” por “Compro, logo existo” (*ibid* p.55), reforçando assim os valores da sociedade capitalista, que circulam em torno do ter menosprezando o ser do cidadão. O impulso à compra é como o ato impensado, ou seja, o abandono do pensar, logo o abandono de si mesmo no momento de consumir.

O comportamento do consumidor moderno se constrói na insaciabilidade, na busca cada vez mais acirrada por bens materiais e de lazer considerados luxuosos. Os novos padrões de consumo representam status social, onde a emulação daqueles que se encontram em posição superior aos outros, determinam os gostos e os padrões de consumo das classes menos favorecidas economicamente e culturalmente.

Pesquisas de antropólogos, economistas e sociólogos descrevem os padrões de consumo pautados no contexto histórico da humanidade. Os economistas analisam o comportamento do consumidor de forma individual e utilitária.

Compreendemos que o preço da mercadoria em nossa sociedade contemporânea é um símbolo cultural por si só, e, a ele não se agrega apenas um valor econômico ou utilitário. O seu significado cultural ultrapassa o valor utilitário de suprir apenas as necessidades básicas ou de valor econômico, pois expressa valores também sociais e de identidade. Muitas vezes o consumidor contemporâneo adquire objetos ou participa de fatos culturais que valorizam a essência da existência, percebemos que este consumidor procura suprir sentimentos, emoções, carências e desejos.

Entendemos que os indivíduos constroem seus significados influenciados pelas informações que recebem dos produtos através da propaganda, da mídia, somos induzidos a consumir, bem como o comportamento dos outros, dos grupos, também acabam afetando o consumo do sujeito contemporâneo.

O ato do consumo não deve ser examinado apenas em termos econômicos, mas nos significados socioculturais que adquirem determinadas mercadorias no decorrer da história do consumo da sociedade.

A honra ou o status social relacionados ao acúmulo do capital ou no valor da força do trabalho definem também os padrões de consumo moderno. Observamos, portanto, que vários conceitos permeiam as atividades humanas de consumo, como a emulação e a força pecuniária. Estes dois conceitos representam variações na questão do status social, enquanto para um a competição é uma honra, pois permite a igualdade de status, o outro garante o consumo pelo acúmulo do capital ou do trabalho intensificado pela Revolução Industrial. A procura por bens materiais acaba incorporando valor econômico ao objeto e estimulando a competição entre os produtores e os consumidores.

Segundo Campbell (2001), “o preço de uma mercadoria é claramente um valor cultural de alguma importância e, ao comprá-la e exibi-la conspicuamente, um consumidor transmite uma mensagem àqueles que o rodeiam” (*ibid* p.75). O consumidor romântico para legitimar a sua posição social adquirida após a Revolução Francesa consome conspicuamente, mas sob um novo valor estético, pois eles procuram a orientação de profissionais respeitados na área da arquitetura, da decoração e da moda, reconhecidos então pelas suas habilidades e seus valores estéticos de gosto. Portanto, este novo consumidor acaba muitas vezes rejeitando alguns padrões da classe alta e ociosa da elite tradicional, da aristocracia, construindo assim novos valores socioculturais.

Percebemos que os grupos de prestígio de uma sociedade ditam através dos seus hábitos e padrões de consumo a moda a ser consumida e esta moda lhes conferem e mantém a superioridade no estrato social. O desejo pela novidade e a competição caracterizam o consumo moderno, algo a consumir é constantemente desejado e suplantado por outra necessidade. O fenômeno da moda, a rapidez que ela se reconstrói é gerada pela emulação ou imitação de status social, pois

aqueles que estão no topo da escala social têm uma necessidade de inventar novas modas a fim de manter sua superioridade sobre os que estão imediatamente abaixo os quais, pelos desejos emulativos, estão copiando os seus padrões de consumo. Isso é igualmente verdadeiro para os dos próximos estratos subalterno, e assim por diante, até a extremidade inferior do sistema de status. (Campbell, *ibid* p.85).

Em nossa sociedade contemporânea o grupo de prestígio que influencia os padrões de consumo não está ligado apenas aos padrões de consumo da classe alta, da elite, muitos fenômenos artísticos e culturais, que nascem fora dos estratos superiores, influenciam a moda, os valores e os hábitos de consumo e conferem status social.

O que já foi considerado prazer de poucos, hoje faz parte das necessidades diárias de muitos, como ler um livro, assistir a um espetáculo cultural, saciar desejos, viajar, consumir objetos e ter sensações. São vários os significados de status social de nossa sociedade.

O prazer, segundo Campbell (2001), “ é um tipo de reação que os homens têm comumente, ao encontrar certos estímulos” (*ibid* p. 91). Esta satisfação pode ser considerada positiva ou negativa, portanto prazerosa ou frustrante, gerando nos consumidores o hedonismo, sensação na qual o prazer está acima de qualquer coisa na vida. As emoções prazerosas ou frustrantes vivenciadas durante o fenômeno do consumo geram no consumidor contemporâneo o impulso em satisfazer necessidades sonhadas, desejadas, como o ato de adquirir o objeto recém lançado pela indústria.

Podemos nos questionar sobre os luxos que realizamos ao adquirirmos algo que consideramos além do necessário, que envolve desejo e prazer. Compreendemos que ao suprimos as nossas necessidades e carências estamos garantindo a existência e o bem-estar. O prazer se manifesta durante o ato de consumir, seja ele um alimento, um objeto, um sentimento. Suprimos nossas carências quando garantimos nossas necessidades e estas, devido à subjetividade dos indivíduos são sempre distintas e diversas, pois todos os indivíduos procuram no ambiente em que vivem as manifestações que remedeiam as suas faltas, as suas carências.

Percebemos que o grande problema da sociedade contemporânea materialista não é o luxo, mas o luxar. Um banho com água quente de trinta minutos pode ser um problema, pois ao luxar no tempo deste banho estamos gerando conseqüências socioambientais e antecipando o esgotamento do sistema. Desconstruir hábitos não é uma tarefa fácil, mas necessária. Precisamos construir novos valores sobre os quais o indivíduo se comprometa socioambientalmente e através deles os seus hábitos de consumo sejam menos hedonistas.

Refletindo sobre o consumo hedonista do sujeito contemporâneo observamos que o prazer da compra é movido pelo prazer imaginativo que o produto simboliza, ele busca no novo a satisfação de um desejo ou de um sonho realizado. O sujeito contemporâneo busca satisfazer as suas necessidades e desejos por objetos ou fatos que lhe incorporem status social e lhe desencadeie emoções. O sujeito contemporâneo constrói seu próprio ambiente em torno do prazer, ele cria e potencializa no momento da compra uma nova experiência. O significado e a imagem atribuída ao produto intensificam no consumidor o prazer de adquirir o novo e sentir o inusitado.

No hedonismo moderno existe uma dinâmica entre ilusão e realidade, ficamos muitas vezes ansiosos e divagamos sobre o objeto desejado e sonhado. Como nos afirma Campbell (2001),

no hedonismo moderno, o prazer não é simplesmente uma qualidade da experiência. O prazer, crescentemente, é uma mercadoria associada a experiências em cuja construção tomamos parte, alguma coisa que “ajustamos” para condizer com as nossas necessidades. No entanto, estamos conscientes de que assim fizemos; reconhecemos nosso “devanear” e nosso fantasiar pelo que eles são(ou, antes, pelo que não são – isto é, “reais”). (p.132). Grifos do autor.

Muitas vezes após consumir o objeto ou o fato desejado, sensações de insatisfação ainda permeiam o pensar do consumidor, alimentando o ciclo do desejo, da compra, da desilusão e do desejo. O sujeito contemporâneo busca saciar carências e fantasias, não apenas necessidades e bem estar caracterizando o hedonismo auto-ilusivo do consumismo contemporâneo que anseia por experimentar na realidade os prazeres criados e sentidos na imaginação, anseio este que resulta a incessante necessidade de consumir coisas novas.

Ao refletirmos sobre a sociedade materialista e os significados ancorados ao consumo contemporâneo constatamos que os valores e os padrões de produção da nossa sociedade e o hedonismo dificultam as mudanças necessárias para garantir a igualdade de prazeres a toda população, através da aquisição de bens materiais e de serviço que garantam a qualidade de vida em todo o planeta.

Consideramos que a sociedade que se baseia nestes valores de consumo não está preocupada com questões de solidariedade, compaixão, redistribuição de renda, inclusão social, com as minorias, com a crise ambiental e como podemos supor, nem reconhece, vivencia ou tem conhecimento das campanhas de redução de consumo de bens duráveis e manufaturados industrialmente divulgados pelos meios de comunicação.

Vivemos em contato com temas conflitantes gerados pelos modos de produção, onde a demanda dita a produção e o mercado. O reflexo dos modos de produção e consumo de nossa sociedade contemporânea se manifesta nos alertas dados pela ONU, pelas ONGs (Organizações Não-Governamentais), Associações, Centros de Pesquisa, Instituições Governamentais, Documentários, Filmes, Propagandas, Programas de Educação Ambiental que comunicam à população sobre a crise dos modos de produção da sociedade, o consumo desigual e exagerado gerado pela cultura materialista e, com isso, suas conseqüências socioambientais.

Os problemas ambientais principalmente aqueles de âmbito global que se manifestaram na década de 1970, como a chuva ácida, trazem mudanças no foco das discussões: a proposta de zerar o crescimento econômico naquele momento seria uma injustiça e aumentaria a iniquidade entre as nações, pois o foco da crise ambiental se pautava nas nações mais ricas e industrializadas do mundo, pois elas produzem e consomem mais recursos naturais e energia do planeta e causam conseqüentemente os mais graves impactos ambientais de âmbito global. Neste momento a crise ambiental ou a deterioração do meio ambiente é entendida pelos ambientalistas e organizações mundiais como conseqüência do crescimento populacional, da urbanização e da industrialização. Inicia-se a busca de tecnologias menos impactantes em detrimento da concepção de um outro modelo de sociedade e de mudanças no padrão de consumo.

Criam-se então segundo Portilho (2005)

novas formas de legislação, agências e instituições ambientais, grandes investimentos e políticas voltadas para novas tecnologias e técnicas de produção limpa, ecoeficiência e produtos verdes, numa tentativa de reduzir os impactos ambientais do sistema de produção capitalista. (p. 48)

Nessa lógica capitalista de produção, a poluição passa a ser vista como problema, pois aquele produtor que não segue a legislação ambiental não tem acesso ao mercado internacional, globalizado, mas ao mesmo tempo favorece o surgimento de um novo mercado e amplia as possibilidades de consumo da população, como os alimentos orgânicos, o selo

verde, as compras via-rede, modificando ainda mais os rituais de compra e venda do consumir.

O relatório da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) da ONU, publicado em 1987, **Nosso Futuro Comum**, chama a atenção da comunidade internacional sobre as diferenças sociais, a pobreza da maioria contrasta com a riqueza da minoria, o problema não está apenas no aumento da população, mas na miséria e na fome dos países do Sul que levariam a exaustão dos recursos naturais aumentando a pressão sobre o meio ambiente. A comissão aprova o crescimento econômico que leva em consideração a proteção ambiental e a melhor distribuição das riquezas naturais. O relatório demonstra confiança no desenvolvimento de tecnologias mais limpas, menos impactantes e na expansão da economia, portanto a partir da década de 1980 surge a imagem do gestor empresarial.

As empresas para se manterem no mercado econômico se adaptam à legislação ambiental mundial, revendo os modos de tratamento dado aos efluentes gerados pelos modos de produção e criando novas formas de reaproveitamento e reutilização dos resíduos gerados e descartados. Aquele que produz lixo é responsável pela forma de acondicionamento final deste resíduo, portanto novas tecnologias sobre tratamentos de efluentes são geradas para diminuir os impactos ambientais causados pelos modos de produção, tanto na indústria como na agricultura.

Os valores culturais e econômicos, os conceitos de mundo, os modos de produção e os significados que permeiam as ações no dia-a-dia da sociedade moderna, configuram um estilo de vida, onde o consumo de bens materiais e de serviços considerados supérfluos por uma pequena parcela da população agrava ainda mais as diferenças entre as classes e os povos.

Dessa forma, a partir da década de 1990, novas significações permeiam os discursos dos ambientalistas, cientistas e pensadores, a problemática ambiental é atribuída aos altos padrões de consumo e estilos de vida da sociedade moderna ocidental. Para Portilho(2005), “ este estilo de vida ostentatório e desigual pode dificultar a garantia de serviços ambientais essenciais para as futuras gerações”(p. 23).

Nessa lógica, quanto maior o consumo, maior a quantidade de lixo descartada no meio ambiente. O descarte de bens materiais revela hábitos, costumes, necessidades e valores culturais, portanto se encontra repleto de significados. Assim, a quantidade de lixo produzida e suas implicações ao meio ambiente são agravadas principalmente pela forma inadequada e desigual do modelo de consumo divulgado pela sociedade moderna, pois compromete cada vez mais a qualidade de vida do cidadão e das futuras gerações.

O objeto de estudo proposto nesta pesquisa tem ligação direta com os atos de consumo praticados em sociedade, pois, como já foi destacado, quanto maior o consumo, maior a quantidade de lixo a ser descartado e depositado. A pesquisa nos remete à reflexão sobre o comportamento do cidadão, o contexto social e educacional em que está inserido, bem como à percepção de suas práticas, os padrões e rituais de consumo dos diferentes grupos de educandos envolvidos nela. Entendemos que o objeto de estudo revela os hábitos, os costumes, os valores e os padrões de consumo dos grupos que constituem a sociedade contemporânea. Segundo Livia Barbosa (2006, apud BARBOSA, CAMPBELL, 2006) é necessário observar as influências das “instituições e a cultura do capitalismo e como estas afetam as lógicas e os padrões de consumo de diferentes segmentos sociais, faixas etárias, ciclos de vida, entre outros”(p.10).

Entendendo que o ato de consumir está presente no pensar e no agir do cidadão contemporâneo e para conhecer este fenômeno do consumo, intensificado pela cultura materialista, propomo-nos identificar a representação social de lixo dos educandos que cursam o ensino técnico em Informática e Agropecuária concomitante ao ensino médio em uma escola pública federal, com base na teoria de representações sociais.

2.3 A Teoria de Representações Sociais: Alguns Pressupostos para uma Pesquisa Qualitativa

Partindo da teoria de representações sociais para fundamentar a pesquisa qualitativa em questão, buscaremos os conceitos apresentados por alguns autores considerados referência nas áreas das ciências humanas e sociais, como Moscovici (2001,2002,2003), Jodelet (2001), Rangel (2004), Barbosa (2007) e Reigota (1997).

Constata-se que as pesquisas desenvolvidas em representações sociais nestas últimas décadas abordam os problemas psicológicos, culturais e sociais de nossa sociedade, através de reflexões nas áreas da antropologia, psicanálise, linguagem, filosofia, lógica natural, sociologia, sociolinguística, psicologia social e educação, comprovando pelas metodologias utilizadas e os diferentes recursos, a fundamentação desta enriquecedora teoria.

Jodelet (2001, p. 12), afirma

A pesquisa sobre representações sociais apresenta um caráter ao mesmo tempo fundamental e aplicado e recorre a metodologias variadas: experimentação em laboratório e campo; enquetes por meio de entrevistas, questionários e técnicas de associação de palavras; observação participante; análise documental e de discurso etc.

Muitos estudos e pesquisas são desenvolvidos com base na teoria da representação social sobre temas de diversos domínios do conhecimento, domínio cultural, científico, social e institucional, domínio ambiental, domínio educacional, psicológico, domínio de produção, domínios de identidades, portanto domínios de temas diversos como as investigações realizadas em educação conforme a proposta desta investigação.

As pesquisas em representações sociais desenvolvidas nas diversas áreas de domínio ampliam os conceitos, favorecem as comunicações, o diálogo mais aprofundado entre indivíduos e pesquisadores cujas práticas metodológicas de investigação levam a uma reflexão discursiva do pesquisador que recorre a metodologias como a observação participante, as entrevistas semi-estruturadas para analisar ou identificar as representações sociais do objeto, na sua inter-relação entre sujeito e objeto em um cotidiano específico.

Rangel compreende a representação como uma forma de construção, contribuindo para a apropriação de novos conhecimentos ao universo interior dos sujeitos, promovendo a popularidade e a familiarização de novos conceitos. Portanto, o potencial didático da representação social é reconhecido por Mary Rangel (2004, p. 9) na “técnica de ensino-aprendizagem do conceito”. Conforme a autora

Se os objetos do conhecimento teóricos são, em princípio, estranhos ao sujeito; se a representação social é uma forma de conhecimento pela qual os objetos tornam-se “familiares” e são incorporados, assimilados, é possível reconhecer na constituição das representações, o seu potencial didático”. [...]no encaminhamento (maneira, meio) pelo qual se constituem as representações, é um processo didático (de assimilação, compreensão) espontâneo, que pode ser sistematizado, previsto, empregado de forma mais organizada e com fundamentos da representação social, como recurso metodológico de ensino-aprendizagem. (ibid,p.18)

Ainda, segundo a autora tanto os conhecimentos da teoria em representações sociais como as suas práticas e percepções podem constituir recursos de ensino-aprendizagem dos objetos do conhecimento pelos seus conceitos, favorecendo a apropriação e re-construção, ou seja, a re-elaboração dos significados dos objetos de conhecimento analisados e compartilhados.

Historicamente, o conceito de representação social ou coletiva tem seu início na sociologia e na antropologia, nas obras de Durkheim e Lévy-Bruhl (Moscovici,2001). Através de análises e reflexões sobre o conceito de representações individuais e coletivas o psicólogo social Serge Moscovici constrói uma teoria deste conceito, bem como dos fenômenos que ele

expressa, através da sua obra “A representação social da psicanálise” (1978) onde apresenta o conceito e a teoria das representações sociais.

Moscovici (1994, apud GUARESCHI, 2002) apoiando-se nos argumentos de Durkheim e de Wittgenstein afirma “que as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas”. Complementando: “desse modo, toda psicologia das formas de pensamento, ou de linguagem, deve necessariamente ser social” (p.11). Acreditamos, portanto que a escola, reconhecida como uma instituição de comunicação, configura assim o seu caráter racional, lugar onde o conhecimento se constrói pela linguagem, pela conversação, pela inter-relação e interligação dos indivíduos, influenciados ou não pelos conceitos e imagens do seu cotidiano escolar ou pelos meios de comunicação que circulam no contexto contemporâneo.

Para Barbosa (2007) e outros pensadores, Moscovici busca uma inspiração no conceito de “representação coletiva” da sociologia de Durkheim, e percebe o quanto esta análise da sua teoria é abrangente e explanatória, pois é capaz de referir-se a diferentes modos de organização social do pensamento, da religião, da magia e do pensamento mítico, sem especificá-los. Nesta teoria de representação coletiva, as representações são vivenciadas de forma homogênea por todos os membros de um grupo, perdurando por gerações e exercendo uma coerção sobre os indivíduos e o coletivo.

Aprofundando a teoria de representação coletiva de Durkheim, Moscovici (2003, p.49) analisa esse agir e se relacionar com o mundo através de fenômenos específicos “que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” enfatizando então a distinção entre “social” em vez de “coletivo” a sua teoria.

Moscovici (2001) nos afirma que

o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldados. Portanto, cada tipo de mentalidade é distinto e corresponde a um tipo de sociedade, às instituições e às práticas que lhe são próprias. (p.49)

Podemos considerar então que os modelos de representação, a mentalidade de um povo, de uma sociedade é incomensurável para outro povo, outra sociedade, pois suas culturas possuem instituições e normas específicas que conduzem tanto o indivíduo como a sociedade configurando a diversidade da formação cultural.

O fenômeno das representações sociais se concretiza através das conversações, é pela linguagem que se identificam os conceitos, os símbolos, os saberes populares e o senso comum da comunidade caracterizado pelas ações e atitudes em um território ou cotidiano específico contemporâneo.

A psicologia social sugerida e fundamentada por Moscovici está diretamente associada à sociologia, à antropologia e à lingüística. Ele amplia, desta forma, os estudos referentes ao sistema cognitivo dos indivíduos e como estes reagem aos fenômenos, às pessoas e aos acontecimentos, como processam as informações e constroem seus conceitos, seus significados.

Para Moscovici (2003), nós pensamos através da imagem e, através da linguagem, organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura manifestada nas nossas atitudes em um cotidiano, permeado por imagens e informações dos meios de comunicação da sociedade.

Portanto, as representações na perspectiva moscovicianiana sofrem a influência dos meios de difusão, propagação e propaganda que circulam nos meios de comunicação, na mídia, informando como esses processos de comunicação mudam as mentes das pessoas, bem como as conversações e relações mantidas no cotidiano, levando à reconstrução dos

significados, à reelaboração dos conceitos individuais e sociais incorporando e reelaborando os saberes populares, o senso comum e o comportamento dos sujeitos.

Nessa perspectiva de análise, a comunicação é um processo social e uma instituição social, onde “a persuasão é a parte do processo que está relacionada com a mudança das pessoas”, pois ela se baseia na estrutura do grupo, na estrutura da cultura e da sociedade para manifestar as representações. Para Moscovici (2003, p.376) “a propaganda procura manter a estrutura da instituição, manter a representação e manter a estrutura social”. Reconhecemos como ele que a escola é também uma instituição de comunicação, que recorre a um processo contínuo de comunicação influenciando ou persuadindo as opiniões dos sujeitos envolvidos. Dessa forma,

Elas entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos com nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos. Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (ibid,p.8)

Segundo Moscovici (2003), em representações sociais não existe uma separação entre o universo externo e o universo do indivíduo ou do grupo. O objeto só seria significativo porque faria parte de sua realidade, não seria indiferente, faz parte do seu cotidiano. Nas representações sociais o não-familiar se torna em algo familiar. Das nossas experiências e memórias é que extraímos as nossas imagens e incorporamos a elas novos conhecimentos, valores e atitudes ao nosso senso comum manifestados pela comunicação e a conversação.

As representações sociais são fenômenos observáveis diretamente ou reconstruídos a partir do universo exterior e social, ou ainda, do universo individual, interior, permeado pela cultura, pelas imagens divulgadas pelos meios de comunicação, pela educação, crença, descrença, valores, linguagem e costume que constituem a sociedade contemporânea. Nesse momento, reconhecemos a importância do ressignificado dos objetos em nosso cotidiano escolar, pois eles são reflexos do nosso cotidiano individual, coletivo, social e mundial.

No desenvolvimento desta pesquisa, além de utilizarmos os aportes teóricos de Moscovici (2003, 1978), buscamos conceitos e definições de representação social utilizados por Jodelet (2001, p. 22), que entende a representação social “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Esta autora afirma a importância das representações sociais na vida e em nosso cotidiano, pois “elas [as representações sociais] nos guiam no modo de interpretar esses aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (ibid, p.17).

Constatamos então que as representações sociais surgem devido a conflitos existentes na sociedade levando a transformação de conceitos e valores nesta mesma sociedade.

Jodelet, 2001, nos afirma que as representações sociais estudadas devem levar em consideração os elementos afetivos, mentais e sociais, integrados com os conhecimentos, divulgados pela linguagem e as instituições de comunicação que circulam na sociedade e no cotidiano da comunidade, onde se constata que as relações sociais interligadas afetam a realidade material, social e ideológica desta mesma sociedade.

Para Moscovici (2001, p. 61) “A revolução provocada pelos meios de comunicação de massa e a difusão dos saberes científicos e técnicos transformam os modos de pensamento e criam conteúdos novos”. Neste mundo contemporâneo, complexo na sua essência, encontramos questões intrigantes e iminentes a serem refletidas e repensadas por toda a sociedade, como as questões relacionadas às questões ambientais, aos modos de produção e de consumo da humanidade.

Dan Sperber (2001, apud JODELET, 2001), através de uma análise antropológica de representação cultural reconhece a sua veracidade quando a representação se encontra amplamente distribuída em um grupo social de maneira duradoura em um ambiente específico. Para ele, só há representação quando os significados, os saberes populares e científicos, as imagens, os valores e costumes são incorporados a um grupo social, ao pensamento individual dos sujeitos envolvidos no processo e transformam-se em domínio público, constituindo assim uma nova cultura e configurando um novo senso comum.

Refletindo sobre questões emergenciais apresentadas à comunidade mundial, como a crise do sistema capitalista e produtivo, a discriminação, a crise social e ambiental, a violência, a qualidade de vida da população e a desigualdade social, percebemos a importância de repensar os valores e padrões de consumo da sociedade contemporânea, analisando e interpretando seu comportamento e suas ações. Percebemos que ao interpretarmos os significados e símbolos que constituem o senso comum de uma comunidade e a sua relação com os fatos e com os objetos no seu dia-a-dia possibilita a criação de ações educativas que levam a reconstrução de novos valores socioambientais, como conceitos de solidariedade, consumo, meio ambiente natural e social.

Para identificarmos ou interpretarmos as representações sociais de um objeto recorreremos aos processos de ancoragem e objetivação, pois como enfatiza Moscovici (2003)

“não é fácil transformar palavras não-familiares, idéias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. É necessário, para dar-lhes uma feição familiar, pôr em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas.” (p.60)

Necessitamos, através da ancoragem, transformar o contexto desconhecido em conhecido, aproximá-lo ao máximo possível das imagens e significados familiares, atingindo assim a objetivação. Portanto, temos que transformar o que nos é abstrato em algo concreto, o mais próximo a nossa realidade, para que possa ser tocado, sentido, olhado, relacionado, comparado e encaixado na nossa estrutura mental das nossas representações.

Em Rangel (2004)

Os mecanismos de formação das representações, considerando-se o enfoque moscoviciano, são a objetivação e a amarração, ou ancoramento. Pela objetivação, se dá a concretização, a «materialização» de conceitos em imagens. Pela amarração, ancoragem ou ancoramento, assimilam-se ou adaptam-se as novas informações aos conceitos e imagens já formados, consolidados e «objetivados». (p. 31)

Para reforçar a importância dos processos de ancoragem e objetivação, Barbosa (2007,p.5) conclui que as representações sociais só podem ser adequadamente estudadas, na medida em que compreendemos como funcionam esses mecanismos responsáveis pela criação das representações.

No que diz respeito à relação entre representação social e meio ambiente, Reigota (1998) considera que a educação ambiental seja uma filosofia, uma nova relação entre a humanidade e a natureza, que estimula a ética nas relações econômicas, políticas e sociais, bem como o diálogo entre gerações e culturas. Dessa forma, ele parte do

princípio de que a educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimento sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais (para ficar só nesse exemplo), mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental. (p.10)

Segundo Reigota (1998), a responsabilidade social e a problemática ambiental devem ser os pontos principais das discussões atuais na busca de soluções emergentes em nossa sociedade. Afirma a necessidade de uma educação ambiental e de uma nova filosofia para a humanidade vir a ser mais consciente e responsável pelo meio ambiente e, portanto, pelo lixo produzido e descartado no meio ambiente.

E neste ponto, a relação com as representações sociais fica mais nítida, na medida em que nos conscientizamos de que o conhecimento sobre meio ambiente sofre influência dos comportamentos individuais e sociais, dos fatos e fatores sociais, da história da humanidade, do passado e do presente. E esse conhecimento, seja ele marcado ou não por representações sociais, pode ser modificado e reformulado continuamente por intermédio dos alertas sobre as questões ambientais planetárias divulgados pela comunidade governamental e não-governamental, pela mídia escrita e falada.

Enquanto um dos aspectos inseridos nas discussões sobre meio ambiente, acreditamos que o lixo pode aparecer como um objeto portador de representações sociais, elaboradas pelos educandos do CAC. Pois, como já vimos, uma representação social se caracteriza por um fenômeno, uma ação, uma inter-relação individual e social com o exterior e o interior das coisas, no caso deste estudo, o lixo. E não temos dúvida de que o lixo, enquanto um fenômeno que faz parte do cotidiano das pessoas (mesmo que disso elas não se dêem conta) está repleto de valores, desejos, emoções, hábitos, crenças e credences, de significados que transcende o conhecimento, o visível.

3 METODOLOGIA

A escolha das práticas de pesquisa depende das questões que são feitas, e que por sua vez dependem do contexto em que estão inseridas. O ambiente natural, social e cultural desta pesquisa é o Colégio Agrícola de Camboriú, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina e situado na cidade de Camboriú-SC, que fica a 86 quilômetros de Florianópolis, capital do Estado.

Este estudo trata das particularidades dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú, inscritos num momento específico desta coletividade, portanto devem ser reconhecidos como fenômenos psicossociais, históricos e culturalmente condicionados a eles. Por ser um estudo qualitativo em representações sociais não é fácil a visualização da metodologia e do seu resultado. As identificações das representações ou as percepções do objeto de pesquisa surgiram no conhecimento do contexto escolar e das múltiplas realidades e imagens complexas construídas pelos participantes, suas influências e interligações com o objeto de pesquisa: lixo e o ambiente escolar.

3.1 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa nos permite identificar as representações sociais de lixo dos educandos das primeiras séries e terceiras séries dos cursos técnicos em Informática e Agropecuária do Colégio Agrícola de Camboriú-CAC. Entretanto, “o fato de uma pesquisa se propor à compreensão de uma realidade específica, idiográfica, cujos significados são vinculados a um dado contexto, não a exime de contribuir para a produção do conhecimento.” ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, (1998, p.150). Mesmo com a possibilidade de produzir conhecimento, este estudo não tem a pretensão de oferecer resultados generalizáveis para outros contextos. É uma pesquisa de identidade e representação social, portanto uma abordagem qualitativa, de um cotidiano escolar, onde os educandos, na sua totalidade, pensam, sentem e agem em relação ao lixo, objeto da pesquisa.

Nas suas interações com o objeto de pesquisa, os indivíduos envolvidos na investigação nos enfatizam os significados das suas experiências. Para Bogdan e Biklen, (1994),

o significado que as pessoas atribuem as suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é a experiência. Para compreender o comportamento é necessário compreender as definições e o processo que está subjacente à construção destas. (p.55)

Portanto a problemática elaborada para estudo tem como foco as representações sociais de lixo dos educandos que ingressaram no curso técnico em Agropecuária e no curso técnico em Informática, ambos concomitantes ao Ensino Médio no ano letivo de 2007. Neste cotidiano escolar, acreditamos que será possível observar e identificar os comportamentos e as relações sociais dos grupos, bem como o modo como esta comunidade escolar se organiza, o que ela consome e como os educandos conceituam e manifestam suas atitudes de descarte frente ao objeto investigado, são representações que serão analisadas e interpretadas através das respostas encontradas no questionário. Pelo questionário poderemos então identificar se o Colégio Agrícola de Camboriú-CAC, enquanto ambiente escolar influencia nas representações sociais de lixo dos educandos investigados.

Segundo Moscovici (1978, p.25),

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagens,

porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são, o uso nos tornam comuns. Encarada de um modo passivo, ela é apreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um objeto, de um feixe de idéias que lhe são exteriores.

Além de esboçar que tipos de relação estes educandos estabelecem e como estruturam suas concepções e práticas em relação ao objeto de pesquisa, buscou-se identificar quais as atividades ou abordagens de educação ambiental desenvolvidas pela comunidade escolar durante o ano letivo de 2007 que contribuíram ou modificaram as percepções de lixo dos educandos ao cursarem a terceira série dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática do CAC. A escola, como já citado na problemática, oferece a disciplina de “Formação Ambiental” somente para os educandos da primeira série do curso de Agropecuária.

Por se tratar de uma pesquisa em representações sociais, a construção e a expressão dos sujeitos devem ser consideradas do ponto de vista social e individual, na busca de integrar a relação destes com o lixo. Com isso, esperamos perceber se o entrelaçamento do ser individual (em sua percepção ao ingressar na escola e na percepção construída a partir do ambiente escolar), com o coletivo e social escolar, modifica sua relação com lixo, no que diz respeito a sua construção e reconstrução de representações sociais de lixo.

3.2 Estudo de Caso: Uma Abordagem Qualitativa

Caracterizando-se como um estudo de caso, nossa pesquisa se realizou no próprio contexto escolar, tendo como público alvo, educandos calouros e formandos e suas representações sociais de lixo. Nessa abordagem qualitativa, o investigador se encontra presente no cotidiano escolar, permitindo generalizações naturalísticas do objeto investigado e maior envolvimento nas reflexões sobre as percepções de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú. Reforçando a importância do contexto escolar como foco da pesquisa, Lüdke (1986, p.18), defende que

para compreender melhor a manifestação geral de um problema, ação, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem ou a problemática determinada a que estão ligadas.

3.3 Público-alvo

O público alvo serão os educandos das primeiras séries e terceiras séries dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática do CAC (esses cursos são concomitantes ao ensino médio). Os educandos são oriundos de várias localidades, seja do meio rural, seja do meio urbano, possuem culturas, crenças, conhecimentos, hábitos, percepções e emoções as mais variadas. Suas expectativas profissionais, pautadas em áreas distintas (agropecuária e informática) estão repletas de desejos e perspectivas quanto ao futuro.

A faixa etária dos educandos fica entre os 14(quatorze) e os 18(dezoito) anos. Para o ano letivo de 2007 o Colégio Agrícola de Camboriú organizou duas turmas de primeira série no curso técnico em Agropecuária (turmas AA07 e AB07) e duas turmas na terceira série (AA05 e AB05). Para o curso técnico em Informática, organizou-se uma turma de primeira série (turma IA07) e uma turma de terceira série (turma IA05). A partir dessa realidade, realizamos uma seleção aleatória dos grupos participantes: 1^{as} e 3^{as} séries de Agropecuária e 1^a e 3^a séries de Informática. Ou seja, 10 (dez) educandos de cada série, totalizando 60 indivíduos participantes, colaboraram de forma espontânea, após questionarem o porquê da investigação ou do preenchimento do questionário.

3.4 Observação e Questionário

Na fase exploratória de nossa pesquisa utilizamos a observação e, no desenrolar da investigação, que se realizou durante o ano letivo de 2007, aplicamos um questionário. Primeiramente recorreremos à observação de situações, em tempos específicos, onde se desenrolam as ações dos educandos frente ao consumo, produção e descarte do lixo. O observador se posicionará em um local mais afastado e descreverá o que está acontecendo relatando as formas como ocorrem o descarte do lixo e o comportamento dos indivíduos no contexto social. O lixo vai para a lixeira ou fica no chão? Que lixo os educandos produzem? E como se livram dele?

3.4.1 Observação participante e o ambiente escolar

Um dos recursos utilizado na pesquisa para respaldar as interpretações de lixo dos educandos foi a observação participante. Pela observação percebemos as atitudes dos educandos ao descartar o lixo durante os intervalos de recreio e almoço, tempos estes definidos a seguir.

No entendimento de Marconi e Lakatos (2006) “a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (p. 88). Essa ação nos permite constatar dados que não se manifestam no discurso apresentado pelos educandos na entrevista semi-estruturada.

Entre as vantagens da observação consideramos principalmente aquelas que segundo Alves-Mazzotiti, Gewandszajder (1998) nos “permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir” permitindo assim “o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial” (p.164).

A observação participante aqui utilizada configura uma participação natural, pois o pesquisador pertence à mesma comunidade que investiga. Neste momento é como se não houvesse distinção entre o observador e o observado.

As observações ocorreram na terceira semana do mês de maio de 2007, em dois dias específicos: na segunda-feira e na sexta-feira. Elas ocorrerão nos intervalos de recreio do período matutino e do período vespertino (intervalos de 15 minutos entre a segunda e terceira aula de cada turno) e no intervalo do almoço.

Os locais selecionados para a observação exploratória foram o pátio externo localizado na frente da guarita da escola, o espaço físico interno da lanchonete, localizado no prédio da cooperativa-escola e no refeitório da instituição escolar. Estes locais contêm lixeiras nas suas proximidades, perto das mesas e bancos, facilitando a observação das atitudes de descarte dos educandos frente ao lixo produzido. Pretendemos com a observação interpretar as suas ações de consumo e descarte. Ele se desloca até a lixeira ou joga o lixo no chão?

De um modo geral, a observação direta auxiliou no estudo do fenômeno “lixo”, pois favoreceu a coleta das atitudes, dos comportamentos singulares dos indivíduos em grupo, sua relação social com o ambiente escolar e o lixo descartado. Segundo ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER (1998, p.164), em uma observação participante “as relações sociais que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados não são diferentes daquelas que existem na sociedade, e como tal devem ser encaradas e discutidas”. Assim, pela observação podemos identificar comportamentos não-intencionais ou inconscientes dos educandos.

3.4.2 Questionário: uma entrevista estruturada

Para identificar as representações sociais de lixo dos educandos, além de utilizarmos a observação, recorreremos à aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Incluímos questões sobre a identificação do entrevistado e sua percepção de lixo, os conceitos e os adjetivos que ele associa ao objeto, bem como palavras que eles associam a lixo. Esses dados favoreceram a interpretação do investigador nas análises dos discursos e conceitos coletados.

Conforme nos orienta Richardson (1989, p.142), o questionário pode ser considerado uma entrevista estruturada que cumpre “pelo menos duas funções: descrever as características e medir as variáveis de um grupo social”. As questões sobre a identificação do entrevistado foram estruturadas com perguntas fechadas, contendo apenas duas alternativas, ditas dicotômicas, como o sexo (feminino e masculino) e onde concluiu a 8ª série (em escola pública ou particular). Na descrição do grupo a que pertence (agropecuária ou informática, educando da primeira ou terceira série), também serão utilizadas perguntas fechadas. Isso nos auxiliará nas análises das possíveis variações quanto ao ensino-aprendizagem que podem se modificar durante os três anos de convívio escolar.

O questionário, além das perguntas fechadas com duas alternativas, foi elaborado acrescentando-se a sua estrutura questões com respostas múltiplas, permitindo ao entrevistado marcar uma ou mais alternativas das palavras que ele associa ao lixo, bem como a pergunta sobre os três adjetivos que associa ao lixo, conforme o questionário em anexo. Já as perguntas abertas possibilitaram uma maior elaboração das percepções dos entrevistados por parte do investigador, portanto, em uma das questões sobre percepção do lixo, os entrevistados descreveram em poucas palavras (no máximo três linhas) o que entendem sobre lixo.

Como já apontamos anteriormente, o questionário foi aplicado pelo investigador no início do segundo semestre, em maio de 2007, nas respectivas salas dos educandos de Agropecuária e Informática. Essa entrada do pesquisador em sala de aula é um momento importante da coleta de dados, pois segundo Richardson (1989, p.149), “no contato direto, o pesquisador pode discutir os objetivos da pesquisa e do questionário, responder dúvidas que os entrevistados tenham em certas perguntas”.

3.5 Pré-testagem

Na busca de um questionário mais adequado aos interesses desta pesquisa, recorreremos a uma pré-testagem, onde apresentaremos uma questão inicial e registraremos as respostas. Relatando o papel dessa pré-testagem em uma de suas pesquisas, Rangel (1998, p.117), afirma que “após a apresentação da questão inicial, perguntou-se sobre dúvidas ou dificuldades de compreensão e conseqüentemente dificuldades em responder”(p.117). Com essa atitude, confirmaremos a receptividade dos entrevistados ao questionário formulado ou não, possibilitando assim, uma nova reformulação do mesmo. Na pré-testagem, os sujeitos participaram espontaneamente, de modo que estes indivíduos mantiveram as mesmas características (ou semelhantes) dos grupos a serem investigados. Portanto, este questionário foi aplicado em 5 (cinco) educandos da segunda série dos cursos de Informática e Agropecuária, respectivamente, totalizando uma amostra com 10(dez) sujeitos.

3.6 Análise do Discurso na Perspectiva Moscoviana

Segundo Rangel (1998), a análise discursiva permite ao pesquisador compreender o “*processo* discursivo, procurando entendê-lo na expressão do seu “produto” e, portanto, no

sentido das palavras que o “comunicam”, buscando-se, também, neste sentido, os conceitos sociais e elementos de sua formação.” (p. 126) (grifos da autora). Nas mensagens dos educandos encontramos os elementos e temas relacionados a sua escolha profissional, a sua percepção de sociedade, a sua relação com os objetos, com os fatos sociais e com o meio ambiente escolar.

A análise discursiva se diferencia das outras formas de análise, pois é concebida pela comunicação e compreendida como nos afirma Bardin (2004)

como um processo e não como um dado” (p.163). Para o autor por se tratar de uma análise sobre uma comunicação não devemos nos ater “aos seus elementos constituintes elementares (a palavra por exemplo) mas também e sobretudo a um nível igual e superior à frase (proposições, enunciados, seqüências). (ibid , p.163-164).

Pela linguagem discursiva dos educandos nos reportamos aos conceitos, imagens e significados que permeiam seus pensamentos. As idéias expressas nas respostas dadas no questionário nos forneceram subsídios para interpretarmos as suas objetivações e ancoragens ao objeto investigado. Essas respostas revelam experiências, vivências, condutas, signos, imagens e conhecimentos socialmente assimilados, transmitidos pela comunicação e sociabilização dos grupos, construídas ao longo dos três anos de convívio entre os educandos e o ambiente escolar.

Para Jodelet (2001) as representações sociais circulam nos discursos, “são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais.” (*ibid* p.17-18).

O ato de representar algo ou um objeto leva os indivíduos a relacionarem seus próprios conhecimentos, suas idéias, seus afetos e desejos construídos e compartilhados em um ambiente social e familiar. No momento da comunicação escrita o indivíduo verbaliza suas representações e expressa a sua história, conta o que sabe, e revela o contexto histórico e social que objetiva a sua representação.

Na perspectiva moscoviciana, segundo a autora

as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando — ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação — a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm a intervir. (*ibid* p. 26).

Existe uma tensão ao comunicarmos nossas representações, ao escrever, concretizamos o pensamento, a imagem se reveste de significados e objetividades. As representações sociais, enquanto fenômenos de interligações entre sujeitos e objetos, são velozmente veiculadas e influenciadas pelos meios de comunicação e de produção.

Barbosa (2001) nos afirma que a análise de discurso é uma tendência lingüística que irrompeu na década de 1960 e foi de grande utilidade na identificação das representações sociais. Para ele, a análise do discurso “trabalha com a língua do mundo, considerando a produção de sentidos, enquanto parte da vida do homem; em outras palavras, considera os processos de produção da linguagem.” (p.73).

Conforme este autor, as palavras, condutas e os sentimentos dos sujeitos devem ser analisados a partir da compreensão que as estruturas e comportamentos sociais se institucionalizam. Em seu discurso o sujeito comunica valores e conhecimentos de acordo com o grupo social que está integrado e que com ele interage. A linguagem enquanto discurso “é a interação e um modo de produção social; não sendo, portanto neutra, inocente e nem natural” (*ibid* p.76) para o autor a linguagem é um lugar onde as ideologias se manifestam.

Em Rangel (1998, p.127),

A “unidade” de análise do discurso é o texto, que se define como um conjunto de significações, envolvendo determinadas condições de produção. A linguagem se

constitui na dinâmica da relação entre o processo e o produto, enquanto relação que se expressa no sentido das palavras. Esse sentido não pode, portanto, ser estabelecido – e entendido – “a priori”, mas sim no curso (histórico) de sua formação e expressão. (grifos da autora)

A análise do discurso constitui, revela a relação entre o objeto e o sujeito e suas concepções são elaboradas em um contexto social. No discurso, os educandos manifestam suas concepções de vida. O discurso orienta suas ações, partindo de conhecimentos de um senso comum construído em um cotidiano, no qual este ambiente escolar pode facilitar ancoragens e objetivações. No ato do discurso ou durante o processo de pensar, de escrever ou verbalizar, a palavra revela, constrói a imagem do objeto representado através das respostas subjetividades dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

E para afirmarmos a importância do método da análise discursiva e das subjetividades dos pesquisados que orientam esta pesquisa, recorreremos à afirmação de Rangel (1998),

em cada afirmação pessoal encontra-se uma possibilidade de síntese da formação coletiva de idéias, seja porque o sujeito é, em essência, um ator (e autor) social, [...] cada texto da resposta às questões, constitui uma unidade significativa de análise. (grifos da autora). (ibid, p.127)

Portanto, para entender os significados atribuídos ao lixo pelos sujeitos envolvidos, recorreremos à análise do discurso, utilizada para interpretar o questionário, bem como metodologia de pesquisa em representações. A partir desta análise, poderemos perceber as dimensões da educação ambiental no processo de ensino-aprendizagem, as representações de lixo dos educandos dos dois cursos técnicos, as possíveis alterações dessas representações à medida que o educando avança na escolaridade (até atingir a 3ª série), bem como a influência da sua formação na 8ª série, seja em escola pública ou particular.

Devido à frequência das alternativas assinaladas nas questões de múltipla escolha e nas respostas compartilhados pelos educandos verificadas pelos dados coletados, foi necessário recorrer a uma análise quantitativa associada à análise qualitativa da pesquisa.

Tratando-se de um estudo em representações sociais, conforme Rangel 1998, “o estudo da representação na “expressão do sujeito” oferece a oportunidade de observar como se refletem e produzem concepções, ações e, portanto, realidades”. Constatamos assim, a importância das afirmações de cada um dos educandos envolvidos na investigação e o foco apresentado pelo grupo ao qual pertence o educando.

Analisar as entrevistas também é uma tarefa complicada. Exige muito cuidado com as interpretações das análises das categorias e temas que permitem apreender a sua relação com o objeto de pesquisa levando a uma reflexão das análises dos discursos. Precisamos estar atentos à interferência da subjetividade do investigador, ter consciência dela e assumi-la como parte do processo a ser analisado.

De acordo com Moscovici (1978), o objeto é pensado em formas abstratas ou concretas e o grupo tem dele uma imagem “real” ou uma “imagem ideal”. Portanto, os dados coletados pelo questionário devem ser codificados, analisados sobre dois aspectos: um centrado no grupo e um centrado no conteúdo do discurso. Assim,

A codificação centrada no grupo tende a definir as modalidades de expressão do grupo a propósito do objeto dado. A codificação centrada no conteúdo é orientada para a separação dos temas que se apresentam mais frequentemente a respeito do nosso problema. Ela também nos autoriza a definir o vocabulário que o exprime. As categorias e os temas ajudam-nos a isolar e a generalizar, combinando discursos muito individualizados, assim como operar estatisticamente como se se tratasse de perguntas e respostas. (p. 32).

Na perspectiva moscoviciana a linguagem revela, interpreta, combina significados. Em seu discurso o indivíduo define modalidades de expressão que configura o

grupo, transmite os valores e conhecimentos resgatados do senso comum, da sua cultura e associando-os as novas comunicações, recria e constrói novas representações sociais sobre os objetos e o meio social em que vive. Dessa forma,

a comunicação jamais se reduz à transmissão das mensagens de origem ou ao transporte de informações inalteradas. Ela diferencia, traduz, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos. (Moscovici, *ibid* p.28).

Devemos levar em consideração as recomendações de Duarte (2004) no momento das análises dos conteúdos, pois os significados estão permeados de subjetividades de dimensão coletiva, temporal e espacial. Conforme o autor,

Por outro lado, tudo o que nos é dito é profundamente subjetivo, pois, trata-se do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis. Assim, tomar depoimento como fonte de investigação implica em extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite conhecer a lógica das relações que se estabelecem no interior dos grupos dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo e lugar. (p. 219).

Na análise dos discursos, precisamos nos ater as palavras e as idéias que circulam nas descrições de lixo dos educandos, por grupos distintos, habilidades de formação distintas (agropecuária e informática), seus desejos e aspirações individuais e coletivas em um cotidiano escolar específico. Sendo assim “representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificá-lo o texto”. (MOSCOVICI, 1978, p.58).

É na linguagem, na forma de se expressar que identificamos as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú, os seus conhecimentos sobre lixo e as suas inter-relações com o objeto pesquisado em um tempo determinado, no mês de maio de 2007. Portanto, constatamos que o contexto escolar influencia nas descrições do entendimento de lixo dos educandos investigados. Para Moscovici(1978)

observa-se que representar um objeto é, ao mesmo tempo, conferir-lhe o status de um signo, é conhecê-lo, tornando-o significante. De um modo particular, dominamo-lo e interiorizamo-lo, fazemo-lo nosso. É verdadeiramente um modo particular, porque culmina em que todas as coisas são representações de alguma coisa. (*ibid* p.63-64).

Neste estudo de caso nos propusemos investigar os significados de lixo, incorporados ao senso comum de lixo dos educandos do CAC ao ingressarem numa escola de características agrícola, onde a paisagem, o entorno, o contexto escolar e o olhar do pesquisador nos remetem ao diálogo sobre lixo.

Acreditamos que toda pesquisa em representações sociais envolve a interpretação subjetiva do pesquisador ao analisar os dados apurados na investigação. Portanto, na investigação científica procuramos identificar aquilo que nos provoca desconforto, interesse, em um ambiente social contemporâneo e particular. O pesquisador enquanto propositor da investigação com suas crenças, percepções, ações, sentimentos e valores, não é indiferente ao interpretar as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú (CAC).

Para Grize (2001,apud JODELET, 2001) ”isto quer dizer que o pesquisador tem suas próprias representações e que é por meio delas que ele vai compreender o que lhe é dito”. (p. 132)

A reflexão apresentada por Barbosa (2001) sobre o pesquisador traz a importância que é dada nas pesquisas de representações sociais, aos valores e aos princípios da sociedade, portanto ao senso comum, a cultura, a crença da comunidade investigada, sempre levando em consideração o momento e o tempo em que a ação se desenvolve, pois ela acontece configurando um determinado contexto, envolvendo diversos sujeitos que compartilham comportamentos e atitudes, afetos e desejos, cuja análise será realizada por um sujeito contemporâneo. Sendo assim,

Como sujeito contemporâneo, inserido em uma sociedade específica, o pesquisador irá refletir em seu trabalho de pesquisa, os valores e os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Poderíamos dizer que os pressupostos que orientam o pensamento do observador vão também nortear sua abordagem de pesquisa. (p.60).

Consideramos então que toda representação social exprime os conhecimentos práticos de senso comum e que a ele, ao senso comum, são incorporados novos significados, portanto aquilo que nos é estranho se transforma em familiar. Poderíamos então considerar que ao nos depararmos com o novo resgatamos conhecimentos, buscamos imagens familiares para interagir e reformular conceitos ou significados do senso comum. Neste sentido, partimos da nossa suposta consciência para conhecer, interpretar, agir e manifestar nossos valores e conceitos através da linguagem.

No diálogo ou na conversação as idéias, compreensões, sonhos e desejos se familiarizam, portanto os significados, sentimentos e ações são compartilhados e elaborados socialmente e variam de acordo com os grupos sociais ao qual o sujeito se identifica ou a que classe social ele pertence, bem como o contexto que está inserido.

Seguindo as reflexões de Barbosa (2001), uma das interpretações do papel das representações sociais surge na dialética marxista. Pois para ele “em Marx, a palavra chave para tratar do campo das idéias, é a consciência.” e continua: “Segundo Marx, a manifestação da consciência se faz através da linguagem, mostrando-nos como as idéias estão comprometidas com as classes sociais”(ibid, p.69).

Conforme a perspectiva moscoviciana a familiarização se manifesta através da objetivação e da ancoragem como já comentado no tópico anterior. Entendemos que a objetivação transforma algo abstrato em algo quase concreto, é transferir “o que está na mente em algo que exista no mundo físico.” (MOSCOVICI, 2003, p. 61), tornando assim o não-familiar em familiar através da ancoragem, entendida como novas associações ao senso comum. Aquilo que nos causa estranhamento, que nos intriga, comparamos com nossos conceitos e valores e os incorporamos ou não ao nosso discurso.

Reconhecemos a importância do discurso na investigação em representação social, pois partimos do princípio de que nossos conceitos e pensamentos são, a todo momento, permeados por comportamentos, atitudes, imagens, costumes, crenças, valores individuais que categorizam o social, um grupo social, uma cultura. Este grupo compartilha experiências, descobertas, conhecimentos, idéias. Portanto, esta cultura, com suas crenças, valores e significados é constantemente influenciada pelos modos e costumes de produção e consumo de uma sociedade capitalista, onde a liberdade do ter substituiu a do ser.

Para Livia Barbosa (2006) os estudos sobre consumo ocupam posição de relevância nas ciências sociais, com publicações sobre a sociedade de consumo, a cultura material contemporânea, o comportamento de compra, as formas de comercialização, como investir, o que se consome. Hoje o cidadão apreende pela comunicação, através dos livros, jornais, revistas e dos meios audiovisuais o que deve e como deve ou como pode consumir. Segundo a autora, “consumir é uma das mais básicas atividades do ser humano — pode-se viver sem produzir, mas não, sem consumir.” (p.7).

A linguagem da sociedade consumista, materialista, permeia os discursos da cultura contemporânea, as propagandas recorrem a imagens sedutoras levando o sujeito a

adquirir coisas novas, desejar algo distante das suas condições. Hoje somos levados a consumir sem precisarmos nos deslocar, a compra via internet nos possibilita esse conforto, a encomenda chega a nossas mãos pelo correio. Reconhecemos que a grande maioria da população não tem recursos suficientes nem para manter a sua sobrevivência ou as necessidades básicas, portanto realmente este é um privilégio de poucos.

A necessidade de compreender esta cultura material, consumista, contemporânea tão propagada pelos meios de comunicação, presente nos diálogos, nas conversações, nas escolas, em nosso cotidiano, em nossas falas, nos levou a identificar as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú. E através dos seus discursos compreendemos que a cultura material, o consumo exacerbado presentes em nossa sociedade, mistifica ou não a compreensão e o significado de lixo desses educandos que fazem parte de uma comunidade escolar específica, com sua cultura e consumo também peculiares sobre lixo.

3.7 Análise do Questionário

Devido à subjetividade dos envolvidos na investigação, optamos pela elaboração de um questionário com poucas questões permitindo aos educandos “interpretar e responder, expressando, livremente, suas idéias”. (*ibid*, p.128), e assim auxiliando o pesquisador perceber a presença e constância de imagens e conceitos presentes em suas respostas. Portanto, pela constância e dimensão dos conceitos, temas, palavras e imagens que aparecem ou se revelam nas respostas dos educandos dos cursos técnico em Informática e em Agropecuária poderemos então, expressar as representações sociais de lixo dos educandos, interpretar e comparar as representações dos dois grupos envolvidos através da análise do discurso de cada sujeito envolvido na investigação.

Os conceitos, as descrições e interpretações de lixo dos educandos foram construídas após as análises das respostas encontradas, dadas no questionário, este recurso nos possibilitou interpretar as representações de lixo dos educandos, pois ao verificarmos os conceitos de lixo definido em algumas linhas na primeira questão, constatamos os significados e símbolos de lixo que constituem o senso comum dos sujeitos investigados. E para ele descrever de forma mais subjetiva os conceitos sobre o objeto foi solicitado na segunda questão sobre percepção de lixo três adjetivos, e uma última questão de múltipla escolha onde ele poderia associar a lixo quantas palavras ele quisesse.

Portanto, para retificarmos a valorização da linguagem individual dos educandos recorreremos a Moscovici (2003), “as pessoas são capazes, de fato, de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações, de acordo com o grupo específico ao qual pertencem, ao contexto em que estão no momento”. (p. 328).

Portanto, a linguagem escrita e as atitudes de descarte do lixo coletadas durante a investigação nos possibilitaram perceber o que está incorporado ao senso comum dos indivíduos investigados, pois para Moscovici(2003), representar significa

a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusa, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas. (p. 216).

Constatamos então que é pela linguagem escrita e pela observação que a objetivação e a ancoragem das representações de lixo dos educandos possam ser reveladas, principalmente durante o fenômeno do descarte, das atitudes frente ao objeto, bem como pelos conceitos apresentados no questionário, pois assim deslumbramos a possibilidade de construir

algumas interpretações. Em Moscovici (2003) “as representações são geradas nesses processos de comunicação e depois, claro, são expressas através da linguagem”.(ibid. 373).

Portanto, como nos afirma a perspectiva moscovicianiana, através da objetivação e da ancoragem apresentada pelos educandos nas respostas dadas ao questionário sobre percepção de lixo, poderemos interpretar e pontuar possíveis diferenças de representações entre os dois grupos de educandos (agropecuária e informática) investigados. E, conforme especificado nos objetivos, pretendemos identificar e relacionar quais ações pedagógicas de educação ambiental desenvolvidas pela comunidade do Colégio Agrícola de Camboriú contribuem ou contribuíram na modificação ou reformulação das representações sociais de lixo dos educandos durante os três anos de convívio escolar.

A linguagem do discurso é reconhecida como a produção da fala, é compreendida como um processo de elaboração, como nos esclarece Bardin (2004) “o discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições” (p. 164).

Segundo Bardin (2004) o pesquisador que recorre à análise do discurso como método de interpretação das representações deve levar em consideração as condições da produção da fala, o rodeio das enunciações, a ordenação do conhecimento no discurso. Como também deve apoiar-se nas figuras de retórica, percebendo assim as influências dos meios de comunicação de diversas origens como o diálogo e conversação entre os grupos, o ambiente escolar profissional, o ambiente familiar, social e da mídia.

O discurso do educando acontece num momento e num contexto específicos, em um território, o Colégio Agrícola de Camboriú. Neste local, através da fala, constrói-se conhecimento. A escola é um meio de comunicação, em seus ambientes e na sua fala perpassam valores, filosofias, conceitos, belezas, tecnologias, coleguismos, amizades, vínculos, solidariedade, responsabilidades, companheirismo, conhecimentos, descobertas, criações e inovações.

Esta análise se manifestou no interesse do pesquisador sobre o fenômeno do lixo, devido à preocupação frente às posturas dos educandos ao objeto investigado. Como eles o representam, o reconhecem, o produzem e quais os significados que a ele são relacionados.

Como citado na apresentação, foi o lixo encontrado no chão dos ambientes do Colégio que motivou esta pesquisa. Portanto, descreveremos a seguir as representações sociais de lixo construídas durante os três anos de convívio entre os educandos e o meio ambiente escola e as discussões que este tema provoca e se manifesta na sociedade contemporânea.

4 COLETA DE DADOS: A OBSERVAÇÃO E A ANÁLISE DISCURSIVA

O homem se expressa e interage com o outro e com a sociedade em que está inserido através da linguagem seja ela visual, escrita, auditiva, tátil ou olfativa. As diversas formas de linguagem proporcionam ao sujeito o contato e familiarização com símbolos e significados de um senso comum constituído, construído, reconstruído e representativo de uma sociedade em constante transformação.

Esta pesquisa tem como objetivo interpretar as representações sociais de lixo dos educandos do Colégio Agrícola. Portanto, utilizamos a observação e a análise do discurso como recurso para nos familiarizarmos com o conhecimento do educando sobre o objeto investigado. Interpretaremos suas representações socialmente elaboradas, compartilhadas e construídas a partir da sua interligação com a realidade da comunidade escolar em que está inserido.

4.1 Os Educandos, seus Grupos, o Cotidiano Escolar e a Comunicação

Os educandos dos dois cursos técnicos (Informática e Agropecuária) investigados convivem no ambiente escolar durante três anos. Neste período as relações pessoais se estabelecem, o sujeito interage com o ambiente escolar, configurando a comunidade do Colégio Agrícola de Camboriú. No primeiro ano ele é o “novato”, no segundo ano ele é chamado de “lacaio” e no terceiro ano ele é o “veterano”. Observamos aqui uma estrutura institucionalizada de identidades.

Gostaríamos de apresentar algumas características dos sujeitos, da escola, do cotidiano dos educandos em seus respectivos cursos e a relação construída no ambiente escolar.

Os dois cursos técnicos freqüentados pelos educandos investigados são concomitantes ao ensino médio. Os educandos freqüentam a escola nos dois períodos, matutino e vespertino. A escola oferece almoço a toda a comunidade escolar (educandos, professores e técnico) e alojamento aos educandos dos cursos de Agropecuária e Meio Ambiente oriundos de outras cidades e outros estados, portanto esta oportunidade não é oferecida ao educando do curso de Informática. O corpo educando do Colégio é formado, portanto, por educandos em regime de semi-internato e educandos em regime de internato. Somente os educandos do gênero masculino são internos. As atividades de ensino da Instituição tem início às 07h30min (sete horas e trinta minutos) e término às 17h45min (dezessete horas e quarenta e cinco minutos), com intervalos de recreio de 15 (quinze) minutos e de almoço de 1h45min (uma hora e quarenta e cinco minutos).

Os educandos do curso técnico em Agropecuária Concomitante ao Ensino Médio são os reconhecidos e assumidos “papa porca” e são aqueles que “tocam”, como eles mesmos expressam, as unidades de produção da escola. Eles sentem orgulho pela Instituição e desempenham as atividades práticas com responsabilidade e criatividade. Nas Unidades Didáticas de Produção (zootécnica e agrícola), os educandos são orientados pelo professor responsável pela unidade e conta com o auxílio de um funcionário específico do setor, mas nem todos os setores possuem técnicos contratados. Este funcionário também orienta os educandos nas práticas de manejo. Nestas unidades os educandos desenvolvem as habilidades práticas e os conhecimentos práticos necessários a sua formação de técnico em agropecuária. O curso técnico em Agropecuária Concomitante ao Ensino Médio é oferecido pela Instituição desde 1968, portanto há 40 (quarenta) anos vem formando profissionais na área de agropecuária.

O outro grupo de educandos investigados pertence ao curso técnico em Informática Concomitante ao Ensino Médio intitulado pela comunidade escolar de “papa chips”, este curso teve seu início em 2004, portanto é oferecido pela Instituição à comunidade

há 4 (quatro) anos. Os educandos freqüentam as aulas práticas nos Laboratórios de manutenção de hardware, nos Laboratórios de instalação e uso de sistemas operacionais diversos e aplicativos e no Laboratório de projetos de rede e sua aplicação. Auxiliam e acompanham os técnicos contratados e professores nos serviços de manutenção dos computadores da instituição, construindo assim suas habilidades e os conhecimentos necessários para a formação de um técnico em programação de computadores.

Como podemos constatar os grupos aos quais os educandos pesquisados freqüentam possuem características de formação profissional distintas, seu campo de atuação exige habilidades e conhecimentos específicos. Portanto, a análise de discurso nos permite interpretar elementos, imagens e significados relacionados a sua prática de formação construídos num contexto escolar e social. Através dos signos, objetos e freqüência das mensagens expressas nas respostas dadas ao questionário, podemos inferir algumas interpretações que potencializem possíveis diferenças ou não das representações sociais de lixo dos educandos envolvidos e seus respectivos cursos.

4.1.1 Identificação dos sujeitos investigados

Primeiramente gostaríamos de informar que a colaboração dos sujeitos envolvidos na investigação se deu de forma espontânea. Foram 60 (sessenta) educandos envolvidos no total da amostra, sendo 10 (dez) representantes por série das seis séries pesquisadas, sendo duas séries do curso de Informática, uma primeira série (IA07) e uma terceira série (IA 05) e quatro séries do curso de Agropecuária, sendo duas primeiras séries (AA07 e AB07) e duas terceiras séries (AA05 e AB05).

Para podermos identificar as representações sociais dos educandos, elaboramos a primeira parte do questionário envolvendo questões sobre identificação: sexo, idade, onde concluiu a 8ª série, em escola pública ou particular, e em qual o curso técnico que está matriculado no CAC.

A partir dos dados de identificação coletados na primeira questão, que se refere ao gênero, constatamos que 57,5% dos educandos do curso de Agropecuária são do sexo masculino e 42,5% do sexo feminino. A representatividade quanto ao gênero dos educandos do curso de Informática ficou assim distribuída: 70% são do sexo masculino e 30% do sexo feminino. Analisando os resultados percebemos que a maioria dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú é do gênero masculino e que esta predominância se faz presente nos dois cursos pesquisados. Constatou-se que presença feminina é mais significativa no curso de Agropecuária do que no curso de Informática, correspondendo a uma diferença de 12,5% entre os cursos, conforme o Tabela 1.

Tabela 1- Identificação dos educandos pesquisado, segundo o sexo

CURSO	INFORMÁTICA			AGROPECUÁRIA				
SEXO	IA07	IA05	%	AA07	AB07	AA05	AB05	%
MASCULINO	07	07	70	07	05	06	05	57,5
FEMININO	03	03	30	03	05	04	05	42,5
TOTAL	10	10	100,0	10	10	10	10	100,0

A segunda questão da identificação é sobre a idade dos sujeitos envolvidos. Constatamos que a faixa etária dos educandos pesquisados dos dois cursos se encontra entre 13 e 18 anos. Nas primeiras séries, a idade que se manifesta com maior freqüência é a de 15 anos, 25% do total investigado. E, nas terceiras séries os educandos com 16 anos corresponderam a 30% do total da amostra. O questionário foi aplicado em maio de 2007, demonstrando até este período, que os educandos de Agropecuária são um pouco mais velhos que os educandos de Informática, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Identificação dos educandos pesquisados, segundo a idade

IDADE	IA07	AA07	AB07	IA05	AA05	AB05	Nº/IDADE	%
13 anos	01						01	1,16
14 anos	04	04	02				10	16,66
15 anos	05	04	06				15	25,00
16 anos		02	02	06	06	02	18	30,00
17 anos				04	04	03	11	18,33
18 anos						05	05	8,33
TOTAL	10	10	10	10	10	10	60	100,00

Na terceira questão de identificação, os educandos informaram onde concluíram o ensino fundamental, a 8^a série, se em escola pública ou particular. Constatamos que dos 60 (sessenta) educandos pesquisados, 86% concluíram o ensino fundamental em escola pública e apenas 15% dos educandos em escola particular. E, fazendo uma comparação entre os cursos (Informática e Agropecuária) pesquisados, a incidência de educandos oriundos de escola particular se fez mais evidente no curso de Informática com 30% e no curso de Agropecuária está diferença foi apenas de 7,5% (Tabela 3).

Tabela 3 – Identificação dos educandos pesquisados, onde concluiu a 8º Série, em escola pública ou particular

CURSO	INFORMÁTICA			AGROPECUÁRIA				
ESCOLA	IA07	IA05	%	AA07	AB07	AA05	AB05	%
PÚBLICA	06	08	70,0	09	10	09	10	92,5
PARTICULAR	04	02	30,0	01	00	01	00	7,5
TOTAL	10	10	100,0	10	10	10	10	100,0

4.1.2 Descrição das observações

Os locais do ambiente escolar (Colégio Agrícola de Camboriú) selecionados para observar as atitudes dos educandos frente ao lixo, nos possibilitaram perceber o que ele consome e o que ele descarta nas lixeiras ou no chão. Observamos como os grupos se constituem no momento do recreio e nos intervalos de almoço, alguns compartilham o alimento ou se reúnem para conversar, estudar, namorar satisfazer de alguma maneira as suas necessidades individuais ou de grupo. Portanto, os locais escolhidos foram aqueles onde os educandos envolvidos na pesquisa mais freqüentam e circulam: o pátio externo localizado na frente da guarita da escola, o espaço físico da lanchonete, localizado no prédio da cooperativa-escola, e no refeitório da instituição escolar. Todos os espaços selecionados contêm lixeiras nas suas proximidades.

Gostaríamos de reafirmar a importância do objeto no contexto escolar. O objeto investigado contém significados peculiares para a comunidade escolar. Por exemplo, a coleta de lixo da Instituição é realizada pelos educandos do curso técnico em Meio Ambiente, sob a responsabilidade da pesquisadora, desde 2000, início do curso. Constatamos que durante estes anos uma ressignificação de lixo foi incorporado ao senso comum desta instituição de ensino. Os educandos do curso técnico em Meio Ambiente são intitulados de “papa lixo”, pois eles realizam a coleta em toda a escola, portanto a eles é delegada a responsabilidade pelo destino mais adequado que se dá aos objetos produzidos e descartados pela comunidade.

A observação nos permitiu perceber o que está incorporado ou não ao senso comum de lixo dos educandos selecionados na investigação. Iremos constatar no decorrer das interpretações se existe mudança de comportamento entre novatos (primeiras séries) ou veteranos (terceiras séries) nos modos de descarte. Pela observação, podem-se identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes dos educandos ao descartarem o objeto produzido, por isso, a importância dada ao eleger os locais da observação.

O espaço da lanchonete escolar é terceirizado pela Cooperativa-escola. Oferece bebidas, guloseimas e lanches, embalados em plástico, papel ou alumínio, aos sujeitos da comunidade escolar. A louça oferecida pelos proprietários é a descartável. Educandos de vários cursos (Informática, Agropecuária, Meio Ambiente, Transações Imobiliárias) freqüentam o ambiente principalmente nos intervalos de recreio e almoço.

O foco da investigação é o lixo, portanto nosso olhar de pesquisador-observador é naquilo que é adquirido, consumido e descartado.

Refletiremos sobre as suas atitudes de descarte final como: o educando leva o lixo produzido até a lixeira ou o deposita nas mesas? Quem é o responsável pela coleta desse lixo? Ele tem essa ação da escolha de um descarte mais adequado ambientalmente, incorporado às suas atitudes, ao seu comportamento? Qual a sua responsabilidade social enquanto cidadão sobre a sua atitude?

Os comportamentos foram observados e relatados, visando compreender as ações manifestadas pelos educandos durante o fenômeno do descarte final.

Os dias da semana selecionados para a observação foram as segundas e sextas-feiras e ocorreram durante a segunda e a terceira semana do mês de maio de 2007. Os horários estabelecidos foram: os momentos dos recreios, do período matutino e vespertino e os horários de intervalo de almoço. O recreio é de 15 (quinze) minutos e o intervalo entre um período e outro é de 1h45min (uma hora e quarenta e cinco minutos) reconhecido aqui como período de almoço. Foram 8 (oito) momentos de recreio e 4(quatro) momentos de almoço observados e vivenciados com os educandos.

O pesquisador circulou por cada ambiente selecionado da seguinte forma:

- Refeitório (horário de almoço): 2 (duas) vezes, em uma segunda-feira da primeira semana e numa sexta-feira da segunda semana selecionada;

- Lanchonete (horário de almoço): 2 (duas) vezes, sexta-feira da primeira semana e segunda-feira da segunda semana selecionada;

- Recreio (período matutino): 4 (quatro) momentos, assim distribuídos:

- a) O espaço interno da lanchonete foi observado 2 (duas) vezes em dias e semanas alternados, portanto na primeira semana, na segunda-feira e segunda semana, na sexta-feira;

- b) O espaço em frente à guarita da escola e próximo ao Setor de Comercialização foi observado 2 (duas) vezes em dias alternados, portanto na primeira semana, na sexta-feira e na segunda semana, na segunda-feira;

- Recreio (período vespertino): 4 (quatro) momentos observados, incluindo lanchonete e guarita conforme a especificação do período matutino.

Optou-se por não usar máquina fotográfica, pois a presença deste instrumento durante as observações inibe os comportamentos dos educandos e as atenções se voltam para o observador. Pela familiaridade da presença do pesquisador entre os educandos nestes ambientes, não foi constatado nenhum desconforto entre observado e observador no momento das observações.

As descrições das ações observadas aqui relatadas são aquelas consideradas significativas e assim percebidos pelo observador. Portanto, abordaremos os fatos e momentos partindo dos conceitos, imagens e significados que constituem a representação social de lixo do próprio pesquisador. O pesquisador parte do que lhe é familiar, do que faz parte do seu senso comum para se familiarizar com o senso comum dos educandos.

Não foi possível somente através de observação identificar diferenças nas atitudes de descarte entre educandos novatos ou veteranos, nem se a especificidade dos cursos que os educandos freqüentam (informática e agropecuária) resulta em alguma diferença significativa ou perceptível nas atitudes.

Observamos que entre os produtos mais consumidos pelos educandos estão: refrigerantes de dois litros (plástico PET), refrigerantes em latinhas de alumínio, copos descartáveis, bolachas recheadas, massinhas, pães de queijo, bolos, balas, chicletes,

sanduíches, salgados, empadas, coxinhas, empanadas, pizzas, guardanapos e saquinhos plásticos.

Descreveremos a primeira ação que chamou a atenção do observador: um grupo de educandos(as) se aproxima do espaço em frente à guarita e enquanto uns aguardam conversando, dois se deslocam até o setor do comércio da escola, voltando ao grupo com refrigerantes de dois litros, uns copos descartáveis e pacotes de bolacha que são distribuindo e compartilhados até o seu consumo final. A garrafa fica depositada no chão e de vez em quando um se serve e deposita de novo a garrafa no chão. Passados alguns minutos, toca o sino anunciando o término do recreio e os educandos (as), alguns com copos na mão se deslocam para as salas de aula, ficando a garrafa e alguns copos jogados no chão. As lixeiras se encontram a cinco metros do local em que eles pararam para lanchar.

A lanchonete durante o período de almoço é mais freqüentada pelos educandos semi-internos (educandos que não residem na escola) principalmente pelos educandos de informática, da primeira-série, os intitulados “papa chip”, os quais optam por um lanche em vez do almoço oferecido gratuitamente no refeitório escolar. Nos dois momentos que observamos este local durante o almoço, percebemos que os educandos, todos adolescentes na faixa dos 14 e 17 anos, se alimentam de batata frita e algum tipo de X-salada, X-frango, pizza ou salgado, com o famoso refrigerante de dois litros na mesa ou algumas latinhas de alumínio. Ali eles ficam estudando, conversando, comendo, assistindo TV, jogando. Ou namorando. Para liberar a mesa para jogar ou estudar eles recolhem o lixo produzido e em bandejas e o levam até a lixeira. Outros educandos (as) acabam de lanchar e saem deixando a bandeja, copos e guardanapos em cima da mesa, sem se preocupar com o lixo produzido ou com seu destino. O lixo produzido por eles é recolhido pela a funcionária da lanchonete.

Um fato curioso ocorreu na lanchonete após o término da observação do recreio do período matutino. Um educando da terceira série do curso de Agropecuária, os intitulados de “papa porca”, vinha apressado pela passarela próxima à lanchonete, com uma garrafa PT de dois litros na mão e um copo descartável. O pesquisador-observador pode vê-lo ingerindo o último gole do refrigerante e com um gesto espontâneo e natural, porém denotando a sua pressa, deposita tanto a garrafa como o copo em cima do banco mais próximo. Ele nem se deu conta de que a alguns metros dali, no percurso até a sua sala de aula, encontraria uma lixeira. Novamente a cultura do descartável: jogou fora, sem se preocupar com sua atitude, com as implicações do seu gesto inconsciente.

No ambiente do refeitório, os educandos levam seus talheres e copos para realizar a refeição. Não há desperdício de alimentos. As sobras de alimentos das bandejas são depositadas em uma lixeira específica. Estes restos de alimentos descartados são recolhidos e encaminhados para o Setor de Compostagem, portanto todas as sobras das refeições são reaproveitadas na forma de composto orgânico.

Podemos constatar pela observação que a prática do descarte, do “usou e jogou fora”, ainda se dá sem muita consciência por parte dos educandos. Não há preocupação com a estética do ambiente físico da instituição, os lixos produzidos, principalmente os papéis de bala e bolachas ou os copos e garrafas plásticas são descartados e lançados ou depositados ao chão, sem nenhuma manifestação de desconforto.

Observamos que os educandos são solidários em relação à divisão dos produtos adquiridos e consumidos, as ações sempre se configuravam no coletivo.

Pelas as atitudes de descarte e os comportamentos observados, subentendemos que alguns educandos delegam a responsabilidade do recolhimento do lixo a alguém. É como se ele não se preocupasse, pois sabe que os educandos do curso de Agropecuária ao desenvolver suas atividades práticas do setor de jardinagem e serviços gerais recolherão o lixo jogado no chão, ou então este mesmo lixo será recolhido pelos intitulados “papa lixo” (educandos do curso técnico em Meio Ambiente) ou pelo pessoal da limpeza. De maneira geral, o educando(a) deposita a responsabilidade social do destino mais adequado do lixo a alguém.

Para pontuar estas colocações recorreremos a Semin (2001 apud JODELET, 2001) o qual nos fala que “as representações sociais permitem que nos orientemos, oferecendo-nos interpretações particulares do mundo social e físico,[...]da nossa existência social.”(p.. 209).

Pela observação, interpretamos algumas representações sociais de lixo, relacionadas aos gestos e comportamentos dos educandos frente ao objeto de análise. Pelo movimento dos educandos no momento da compra ele expõe o seu desejo ou algumas vezes seu desejo está condicionado a seu poder aquisitivo. Percebemos que a escolha dos educandos é por produtos de menor valor econômico. No espaço físico da escola eles podem optar pelos produtos oferecidos pela lanchonete que é terceirizada pela Cooperativa-escola ou pelo Setor de Comercialização que é vinculado e administrado pela mesma cooperativa. O educando sabe onde vai encontrar o menor preço e muitos fazem a escolha por produtos produzidos pela Instituição, como os pães de queijo e massinhas (pão doce com farofa e creme) e por refrigerantes de dois litros mais barato.

Observamos também algumas atitudes com características mais individualistas como a compra de uma latinha de refrigerante, um suco ou um chá industrializado. Porém, ao retornar ao grupo, o educando oferece a bebida ao grupo e esta é compartilhada.

O consumo por determinadas marcas nos leva a identificar imagens e signos incorporados ao senso comum dos educandos. A escolha pelo menor está mais presente entre os educandos que freqüentam o curso de Agropecuária e que também são internos (educandos de localidades distantes têm direito a uma vaga no internato). Suas ações de compra e consumo de produtos envolvem sempre três, quatro ou cinco educandos. As ações são compartilhadas, normalmente eles andam em grupos, configurando os “papa chip”, os “papa porca” e os “papa lixo”, mas os comportamentos de escolha, o consumo e as atitudes de descarte são semelhantes.

Concluimos que a observação nos possibilitou refletir sobre as percepções de lixo dos educandos, pois a ação do descarte se dá de forma inconsciente, manifestada nos comportamentos não-intencionais frente ao objeto investigado. Para aprofundarmos as interpretações das representações de lixo dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú recorreremos também à linguagem escrita do discurso dos questionários conforme apresentado na metodologia e relatado na coleta de dados.

4.1.3 A descrição e análise das falas dos educandos sobre lixo

Ao analisarmos as falas dos educandos de Informática e Agropecuária do CAC/UFSC, em relação às respostas sobre percepção de lixo, citaremos as descrições mais significativas selecionadas por categorias, pois como nos afirma Moscovici (2003) “a conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido” (p. 62). Selecionamos então as seguintes categorias para analisar as descrições dos educandos sobre lixo: curso que o educando freqüenta e o enfoque dado em suas palavras a conceitos relacionados a meio ambiente, consumo, as conseqüências socioambientais provocadas pelo objeto investigado e a sua própria relação com o objeto analisado. Portanto, a categorização se fez através das freqüências das palavras, conceitos, expressões e comportamentos que possibilitam estabelecer relações positivas e negativas entre os sujeitos e o objeto pesquisado, bem como a influência do convívio escolar nas representações sociais de lixo dos educandos do CAC.

Nas descrições sobre o que o educando entende por lixo, solicitada na primeira questão sobre percepção de lixo, codificamos atitudes e conceitos, a partir das expressões mais freqüentes como “jogamos fora”, “não utilizamos” e outros temas como “sobras/restos”,

“reciclável”, “meio ambiente”, “temas sociais”, “consumo/gasto”, “reutiliza/reaproveita”, conforme quadro abaixo:

Tabela 4 – Categorias selecionadas a partir da descrição sobre o entendimento de lixo dos educandos de Agropecuária e Informática, referente à primeira questão do questionário sobre percepção de lixo

CATEGORIAS	AA07	AB07	AA05	AB05	IA07	IA05
jogar fora	2	2	3	1	2	2
Utilizar	4	3	6	5	4	4
sobras/restos	1	2	3	3	3	
Reciclável	1	3	5		5	
Meio ambiente/poluição	1		1	3		
Social		1		1	1	
reutilizar/reaproveita	1	3	5		3	4
consumo/gasto					4	

Em relação à expressão “**jogamos fora**” não constatamos modificação nem entre os cursos investigados nem entre os educandos das primeiras ou terceiras séries. Esta expressão está presente na resposta de 12 educandos correspondendo a 20% das entrevistas. Citaremos, primeiramente, algumas falas dos educandos de Agropecuária da primeira série e sublinharemos as objetivações e ancoragens feitas ao objeto investigado.

- **AA07** – Primeiro educando: “Eu entendo por lixo que é o que nós usamos e “jogamos fora” sabendo que isso pode ser reaproveitado. Sexto educando: “Lixo é o que não aproveitamos mais e “jogamos fora”. Tentando nos livrar desses impecílios (sic) porque é o que a maioria do lixo significa um impecílio”.

- **AB 07** – Décimo terceiro educando “Lixo é tudo o que não tem mais utilidade, o que é “jogado fora”. Décimo quinto educando “Algo que para uns não serve mais e para outros é tudo, é uma forma de sobreviver fazer arte, se expressar, quando “jogamos algo fora” expressamos desprezo.”

Podemos então associar os seguintes significados de lixo impregnados ao senso comum dos educandos das primeiras séries, os “novatos” de Agropecuária, associados à expressão “jogar fora”: lixo é o que nós usamos e não aproveitamos mais, tentando nos livrar desses empecilhos, é tudo o que não tem mais utilidade. Em duas expressões, os educandos manifestam significados com focos diferentes na representação: um educando incorpora valores sociais ao lixo “algo que para uns não serve mais e para outros é tudo”, bem como valores artísticos e sentimentos como a expressão desprezo relacionada ao ato de “jogar fora”. No dicionário encontramos como conceito de desprezo: “desconsideração; desdém. Rejeição, abandono” (Luft, 2005, p. 282). E outro educando vem reforçar a expressão de desconforto gerado pelo lixo, associando a ele o conceito empecilho, entendido como sinônimo de “estorvo, embaraço, obstáculo” (*ibid*, 311).

Citaremos as falas dos educandos das terceiras séries de Agropecuária (AA05 e AB05) associadas à expressão “**jogamos fora**”:

- **AA05** – Vigésimo quarto educando entende lixo como “Tudo que no momento não irei utilizar, “jogando” em um local onde passará por uma reciclagem e verá se este lixo poderá ser reciclado ou não. Para o vigésimo oitavo educando “Acho orgânico ou inorgânico que é “jogado fora” e pode ser reaproveitado ou não. Material restante que após ser usado a parte que interessa é “jogada” no meio ambiente

- **AB05** – Trigésimo educando afirma que “Lixo são materiais “descartados” por não ter utilidade as pessoas que o possuíam.”

Observamos que novos significados são ancorados, associados ao objeto depois dos três anos de convívio escolar, onde as práticas de conhecimentos tanto da área de

interesse em Agropecuária como o trabalho desenvolvido pela disciplina de Formação Ambiental, representam ressignificados ao lixo. Portanto, construímos o seguinte discurso das falas dos educandos das terceiras séries em Agropecuária: lixo é tudo que no momento não irei utilizar e será jogado em um local que passará por uma reciclagem e ali selecionado. Percebemos que ele se sente responsável pelo descarte do lixo. E acrescenta um diferencial em seu discurso, demonstrando os conhecimentos de técnico agrícola ao definir lixo como orgânico e inorgânico, e acrescentando o conceito de material que pode ser reaproveitado ou não. Ele reconhece o lixo como sobra, resto, de uma atividade que é jogado no meio ambiente. Constatamos, então, que para o grupo de formandos de Agropecuária, lixo é o material que as pessoas possuem e não utilizam mais e somente o que não é reciclável é jogado ou descartado no meio ambiente, manifestando a preocupação com as formas de destino final dadas ao lixo.

Percebemos que o educando de Informática ao ingressar na primeira série (IA07) do curso técnico já demonstra significados representativos sobre lixo como as expressões e conceitos decodificados em sua fala e associado a “**jogamos fora**” como descreveremos a seguir:

- **IA07** – O quadragésimo quinto educando entrevistado entende lixo como: “Lixo é tudo aquilo que já usamos e ao invés de reaproveitarmos “jogamos fora.” E, para o quadragésimo oitavo educando lixo “é tudo que é inútil ou que não tem mais utilidade, são coisas que são “jogadas fora”, mas lixo pode ser reciclado e utilizado novamente.”

Deduzimos que este educando já tenha familiaridade com valores e conhecimentos sobre lixo, pois em seu discurso ele faz uma reflexão sobre a ação de jogar fora coisas que podem ser reaproveitadas e recicladas. Constatamos então que ele chega ao CAC já familiarizado com o objeto. E, provavelmente os significados adquiridos foram vivenciados ou transmitidos durante as práticas de formação em educação ambiental desenvolvidas pela escola, bem como divulgadas e influenciadas pelos meios de comunicação, pela mídia, ou, pelas ações de políticas públicas socioambientais da sua comunidade de origem.

Na fala dos educandos da terceira série de Informática encontramos o significado descartável incorporado à expressão “**jogamos fora**”:

- **IA05** – Para o entrevistado de número 52 lixo “é uma coisa que não serve, que pode ser “jogado fora”. E o educando de número 57 diz que “Lixo é tudo aquilo que não aceitamos mais como alguma coisa útil. Que “acabamos por descartá-lo.”

Concluimos que não há participação da escola na formação de uma consciência ambiental do educando de Informática, pois ele aceita que se jogue fora “tudo aquilo que não aceitamos mais como alguma coisa útil.” Encontramos aqui valores e práticas da sociedade contemporânea, da sociedade do descartável, do individualismo.

As falas dos educandos entrevistados também foram categorizadas pela expressão “**utilizar**” e os significados ancorados à representação de lixo. Observamos esta expressão em 8(oito) falas dos educandos do grupo de Informática (IA07 e IA05), correspondendo a 40% dos 20(vinte) entrevistados; e em 18(dezoito) falas dos educandos do grupo de Agropecuária, correspondendo a 45% dos 40(quarenta) entrevistados.

Descreveremos a seguir as falas dos educandos, suas séries e respectivos cursos. Iniciaremos com a descrição das falas do grupo de Agropecuária das primeiras séries:

- **AA07 e AB07**(primeiras séries de Agropecuária): o educando de número dois entende por “Lixo é resíduos que os humanos “não utilizam” para o uso próprio e provocam poluição.” Já para o terceiro sujeito entrevistado é “Tudo aquilo que não tem mais “utilidade”. O oitavo entende lixo como “Material não “utilizado” pelo homem.”; o décimo responde que “Lixo é aquilo que não tem mais “utilidade.” Na outra primeira série encontramos os seguintes entendimentos: o educando de número treze descreve “Lixo é tudo o que não tem mais “utilidade”, o que é jogado fora.” O décimo sexto entende “Lixo são coisas que não “utilizamos” mais coisas inúteis e não há como “utilizar” e não tem com se reutilizar.” E para

o décimo sétimo entrevistado é “Tudo aquilo que “para mim” não será mais “utilizado”, totalmente inútil, considerado sujeira, ou porcaria. O que não pode ser, mais “utilizado”.

Os educandos das primeiras séries do grupo de Agropecuária demonstram conhecimentos específicos sobre o objeto quando o conceituam como resíduo, quando o representam como sujeira e porcaria, conforme os sinônimos de lixo encontrado nos dicionários e divulgados pelos meios de comunicação. Ele parte do senso comum para descrever seu entendimento sobre lixo, ao se comunicar ele revela, pelas frequências dos conceitos, a sua relação com o objeto, ele relaciona lixo com resíduos, com materiais e coisas geradas pelo homem e que causam poluição e que não são mais utilizados, totalmente inúteis, aquilo que “não tem como utilizar”. Em seu discurso percebemos conhecimentos sobre materiais, coisas que são recicláveis e não recicláveis, consideramos que estes educandos já se familiarizaram com as consequências negativas geradas pelo lixo ao meio ambiente e divulgadas pelos meios de comunicação e o ambiente educacional que convivia.

Os educandos de Agropecuária das terceiras séries descrevem lixo como:

- **AA05 e AB05:** O educando de número 21(vinte e um) entende lixo como “Material que após ser usado não tem mais nenhuma “utilidade”, seja ela para “adubo” (lixo orgânico) ou para reciclagem.” O de número 22(vinte e dois) descreve “É o que sobra, no qual já foi “utilizado” o produto principal, o lixo pode ser reaproveitado em muitos casos, é um problema na sociedade atual.” Para o educando de número 24(vinte e quatro) é “Tudo que no momento não irei “utilizar”, jogando em um local onde passará por uma reciclagem e verá se este lixo poderá ser reciclado ou não.” O educando de número 26(vinte e seis) entende lixo como “Todo material não “utilizado” serve pra nada alguns recicláveis outros não.” Para os educandos da outra terceira série investigada (AB05), lixo para o educando de número 31(trinta e um) é “Material que não tem serventia para alguns, mas se for tratado ou reciclado dependendo do material pode ser remodelado e “utilizado” como outra forma ou fim.” Para o de nº 32 é “Um material que não é mais “utilizado” por uma pessoa.” O de número 35(trinta e cinco) entende “ Lixo são materiais descartados por não ter “utilidade” as pessoas que o possuíam”. O de número 39(trinta e nove) entende como “um material que não se “utiliza” mais”. E o último entrevistado desta turma entende como lixo “ é tudo aquilo que não pode ser reciclado e nem “utilizado” novamente”.

Percebemos que os educandos de Agropecuária ao chegarem à terceira série incorporam novas representações de lixo ao seu senso comum, como aquilo que pode ser reciclado, remodelado e utilizado de outra forma ou com outro fim, correspondendo a um aumento no percentual de 20% em relação à primeira série. Dos 20(vinte) educandos dos terceiros anos que participaram da investigação, 11(once) educandos incorporaram novas representações após o convívio escolar. Associaram lixo a adubo orgânico e também o reconhecem como um problema da sociedade atual. Portanto, constatamos mais uma vez a importância da disciplina de Formação Ambiental, disciplina esta ministrada somente aos educandos nas primeiras séries de Agropecuária, comprovando-se, assim, uma ressignificação nas representações sociais dos educandos que convivem durante três anos no ambiente escolar do CAC. Acreditamos que os temas desenvolvidos na área técnica contribuem também na construção destas representações sociais.

Nas falas dos educandos de Informática das duas séries investigadas, a expressão **“utilizar”** foram:

- **IA07**(primeira série de Informática): O educando de número 42(quarenta e dois) entende “O lixo é um material que não vamos “utilizar” mais, apesar de ser “útil” para fazer novas coisas. Lixo também pode ser algum ruim que fazemos.” O educando de número 46(quarenta e seis) descreve “Lixo é resto do que a gente “utiliza” durante a nossa vida toda. É simplesmente o que não queremos mais. Não importa se é novo ou velho é lixo.” Para o educando de número 48(quarenta e oito) lixo é “tudo que é “inútil” ou que não tem mais “utilidade”, são coisas que são jogadas fora, mas lixo pode ser reciclado e “utilizado” novamente”. E para o educando de número 50(cinquenta) “Lixo é todo gasto desnecessário do

homem é o que é “utilizado” algumas vezes e não tem mais valor, “utilidade”. Mas muito lixo pode ser reciclável e se tornar “utilizável” novamente”.

Outros conceitos são ancorados às representações sociais de lixo dos educandos da primeira série de Informática, desde a possibilidade de fazer coisas novas, reciclar, como também ao se referenciar a lixo como gasto desnecessário do homem “tanto faz novo ou velho”. Encontramos uma cultura materialista incorporada ao senso comum destes educandos, a cultura do consumo está presente neste grupo.

No discurso dos educandos da terceira série de Informática a cultura do descartável, já se manifesta, mesmo assim ele apresenta certa preocupação com a forma desse descarte ao incorporar e expressar conceitos como adequadamente ou inadequadamente, reconhece que o lixo pode ser reutilizado e reaproveitado.

Descreveremos a seguir as falas dos educandos que nos levaram a esta análise:

- **IA05** – O educando de número 51(cinquenta e um) entende lixo como “tudo que já não tem mais “utilidade” para seu dono.” O de número 53(cinquenta e três) é o “material “utilizado” e descartado as vezes adequadamente e as vezes inadequadamente.” Para o educando de número 56(cinquenta e seis) lixo é “Tudo que não pode ser “utilizado” mais.” O de número 57(cinquenta e sete) nos descreve lixo como “é tudo aquilo que não aceitamos mais como alguma coisa “útil”. Que acabamos por descartá-lo.” E para o educando de número 59(cinquenta e nove) lixo é “Todo material já “utilizado”, que poderá ser reutilizado e reaproveitado.”

Encontramos outros conceitos ancorados ao objeto investigado como “**meio ambiente**” e constatamos que esta associação está presente principalmente no discurso dos educandos do curso de Agropecuária e que, após os anos de convívio escolar, este índice passou de 5% para 20% dos sujeitos investigados.

A representação social de lixo dos educandos de Agropecuária está ancorada em conceitos como material orgânico ou inorgânico, resíduo. Ele já reconhece que o objeto quando manuseado de forma incorreta agride o meio ambiente. Existe certa co-responsabilidade ambiental, pois estes conceitos permeiam o senso comum desse grupo de educandos.

Iniciaremos com algumas falas que possibilitaram esta reflexão descrevendo o entendimento do educando da primeira série de Agropecuária:

- **AA07** – Segundo entrevistado: “Lixo é resíduos que os humanos não utilizam para o uso próprio e provocam poluição.”

Em seguida descreveremos as falas dos educandos das terceiras séries que comprovam as ancoragens após três anos de convívio escolar, para as turmas:

- **AA05** – Para o vigésimo educando entrevistado lixo é “Material restante que após ser usado a parte que interessa é jogada no “meio ambiente”;

- **AB05** – O educandos de número 33(trinta e três) o entende como “Um material inorgânico e orgânico, que manuseado de formas incorretas agredem o “meio ambiente.” E para os educandos de número 37(trinta e sete) e 38(trinta e oito) são “Materiais, que não recebem tratamento ou destinação adequada e podem agredir o “meio ambiente.”

Conceituamos “**sobras/restos/resíduos**” como uma unidade de significado. Estas expressões foram citadas nas respostas da maioria das séries investigadas, só não foi usado como sinônimo de lixo pela turma da terceira série de Informática.

As primeiras séries dos dois cursos investigados já trazem no senso comum conceitos como sobras, resíduos ou restos das atividades realizadas pelo homem e devido ao consumo. Surgem novas imagens relacionadas ao objeto, como embalagens usadas, restos de comida, comprovando a cultura do desperdício e os problemas relacionados aos modos de produção da sociedade. Citaremos, então, algumas dessas falas:

- **AA07** - O segundo educando entende lixo como ““resíduos” que os humanos não utilizam para o uso próprio e provocam poluição”. Para o quarto educando entrevistado, lixo é “O que “sobra” de produtos que usamos e não podem ser reutilizados”

- **AB07** – Na décima segunda entrevista encontramos lixo como: “Restos” de comidas, coisas que pessoas não usam mais.” E na décima nona entrevista: lixo “é o “resto” de alguma coisa que não pode ser reaproveitado.”

- **IA07** – Na quadragésima primeira entrevista encontramos “Nunca pensei sobre o assunto, mas acho que lixo é toda “sobra” de consumo humano que não pode ser reaproveitável é o lixo verdadeiro porque se o lixo é reciclável não considero como lixo.” A entrevista de número 43(quarenta e três) descreve lixo como “”Restos,sobras” embalagens usados, inútil”.

Nas falas dos educandos das terceiras séries de Agropecuária novamente percebemos a afirmação da reconstrução das representações sociais de lixo ao classificá-lo e associá-lo a questões sociais e ambientais contemporâneas como as expressões que descreveremos a seguir:

- **AA05** – Para o educando de número 22(vinte e dois) “É o que “sobra”, no qual já foi utilizado o produto principal, o lixo pode ser reaproveitado em muitos casos, é um problema na sociedade atual.” Na entrevista de número 27(vinte e sete) é “Todo “resíduo”, orgânico ou não, que “resta” no dia-a-dia”. E o educando de número 30(trinta) afirma “Material “restante” que após ser usado a parte que interessa é jogada no meio ambiente”.

- **AB05** – Para o educando de número 36(trinta e seis) “Lixo “rejeitos” da sociedade, que nem sabem se pode reciclar ou não.”

Podemos considerar pela reflexão dos educandos das terceiras séries de Agropecuária que as questões ambientais e sociais envolvendo lixo, muitas vezes são desconhecidas pela sociedade. Muitas pessoas não tem familiarização ou conhecimento sobre o tema, nem as consequências ambientais e sociais causadas pelo descarte inadequado deste material. O educando justifica que a falta de conhecimento sobre o objeto leva a atitudes insustentáveis ambientalmente.

Percebemos ao longo das análises das entrevistas que os educandos ao ingressarem no CAC estão familiarizados com significados como “**reutilizar/reaproveitar**”, correspondendo a uma média de 20% do total da amostra das primeiras séries, passando para 25% do total da amostra das terceiras séries do grupo de Agropecuária. Enquanto a variável entre as séries de Informática foi de 30% na primeira série para 40% na terceira série correspondendo a 10% de diferença entre o ingresso e o último ano do curso.

O tema “**reciclável**” está presente no senso comum dos educandos entrevistados, correspondendo a uma média de 22,50% entre os educandos de Agropecuária e uma média de 25% entre os educandos do grupo de Informática.

O conceito “**consumo/gasto**” não é associado ao entendimento de lixo dos educandos do grupo da Agropecuária investigado. Enquanto para os educandos da primeira série de Informática este conceito se apresenta em 4(quatro) falas, correspondendo 40% do total da série investigada, comprovando um dos problemas da sociedade contemporânea. Portanto, o consumo já permeia as falas.

Refletindo sobre a formação do educando da área de informática, observamos que esta formação técnica aproxima o educando com as tecnologias de ponta e com a complexidade do mundo da informática e da comunicação. Este educando convive com o novo. Durante as aulas e nos momentos de recreio e almoço, observamos que os educandos manuseiam os seus equipamentos eletrônicos. Ele se interessa pelos novos modelos que são lançados e divulgados pelos meios de comunicação. A velocidade que os modelos são lançados no mercado, aguça o desejo deste consumidor, o desejo pelo novo equipamento já faz parte do seu mundo de necessidades.

Descreveremos algumas falas sobre “**consumo/gasto**” desses educandos de Informática ao ingressarem no CAC:

- **IA07** – O educando de número 41(quarenta e um) entende que “lixo é toda sobra de “consumo” humano que não pode ser reaproveitável é o lixo verdadeiro porque se o lixo é reciclável não considero como lixo.”. Para o educando de número 46(quarenta e seis) “É

simplismente o que não queremos mais. Não importa se é novo ou velho é lixo.” Na entrevista de número 49(quarenta e nove) “lixo é todo “gasto” desnecessário que o ser humano produz.” e para o educando de número 50(cinquenta) descreve que “Lixo é todo “gasto” desnecessário do homem é o que é utilizado algumas vezes e não tem mais valor, utilidade. Mas muito lixo pode ser reciclável e se tornar utilizável novamente”.

E a última categoria selecionada e associada à representação de lixo dos educandos do CAC foi a questão “**social**”. Apenas 4(quatro) educandos dos 60(sessenta) investigados associaram a lixo à questão social. Eis suas falas:

- **AB07** – Educando de número 15(quinze) “Algo que para uns não serve mais e para outros é tudo, é uma forma de sobreviver fazer arte, se expressar, quando jogamos algo fora expressamos desprezo.”

- **AA05** – Educando de número 22(vinte e dois) “É o que sobra, no qual já foi utilizado o produto principal, o lixo pode ser reaproveitado em muitos casos, é um problema na sociedade atual.”

- **AB05** – Educando de número 31(trinta e um) “Material que não tem serventia para alguns, mas se for tratado ou reciclado dependendo do material pode ser remodelado e utilizado como outra forma ou fim.”

- **IA07** – Educando de número 44(quarenta e quatro) “Todo material que não é mais necessário para uso das pessoas, mas que para outras pode ter alguma função (materiais recicláveis)”.

Constatamos durante o processo de análise e descrição das falas que novos ressignificados são apresentados e incorporados à representação social de lixo dos educandos que compõem a comunidade escolar. E, que as turmas iniciais são formadas por sujeitos que possuem familiaridade com as preocupações socioambientais divulgadas pelos meios de comunicação da sociedade contemporânea.

5 CONCLUSÃO DAS FALAS DOS EDUCANDOS SOBRE LIXO

Ao transcrevermos as falas, os diálogos e as opiniões dos educandos através das representações individuais de lixo, tentamos encontrar as expressões da formação social que compõem o pensamento dos grupos sobre o tema investigado. Como nos afirma Rangel (1998), “o estudo da representação na “expressão do sujeito” oferece a oportunidade de observar como se refletem e produzem concepções, ações e, portanto, “realidades”.”(p. 117). Grifos da autora.

O consumo ou a cultura material permeia o discurso dos educandos recém chegados à escola. Coisas consideradas desnecessárias são relacionadas à geração de lixo, ele se percebe como um consumidor, substitui o equipamento que possui por outro semelhante, mesmo o considerando ainda novo. Ele compra, não porque não tem o equipamento ou que o mesmo não realiza as atividades desejadas, ele apenas almeja o último modelo produzido, comercializado e divulgado pelos meios de comunicação. No mundo produtivo contemporâneo a novidade, a inovação, a diversidade de escolhas e as novas tecnologias são as principais características que configuram o consumismo.

Como nos afirma Lívia Barbosa (2006, apud BARBOSA, CAMPBELL, 2006) existe uma estreita relação entre consumo e cultura,

todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural. Ninguém come, veste, dorme, bebe e compra de forma genérica e abstrata. Toda atividade, das mais triviais e cotidianas às mais excepcionais e específicas, ocorre sempre em um determinado esquema simbólico que lhe dá sentido e significado. (p.108).

Percebemos que em uma comunidade escolar a cultura materialista muitas vezes aproxima ou delimita as relações sociais e a formação de grupos, pois ela expressa, fornece informações acerca dos valores pessoais e do mundo que os cercam.

Portanto, durante o convívio de três anos o sujeito cria, revela, re-significa imagens, constrói relações e conhecimentos, interage com o objeto durante este período de ensino-aprendizagem da sua formação técnica e pessoal.

Reafirmamos nossas interpretações das representações sociais de lixo dos educandos, ao analisarmos e identificarmos os adjetivos relacionados ao objeto solicitado na segunda questão da entrevista: “Escreva 3 (três) adjetivos para lixo”. Do total da amostra, os adjetivos que mais permeiam o senso comum dos educandos sobre lixo foram: 40% o associam a coisas fedorentas, fedidas; 38,33% o relacionam a poluente, a problemas de saúde pública; 36,66% o identificam como reciclável e não reciclável; 30,16% o conceituam como sujo; 28,33% se familiarizam com conceitos como inútil e desnecessário.

Recorremos ainda para confirmar nossas análises e identificações das representações sociais dos educandos, as palavras que eles associam ao objeto investigado na terceira e última questão da entrevista. Ele poderia marcar quantas palavras quisesse, as quais estivessem associadas a lixo, possibilitando assim correlacionarmos os significados que permeiam o senso comum dos educandos pesquisados.

Selecionamos as palavras pela frequência assinalada acima de 50% e frequência de palavras assinaladas abaixo de 50% da amostra, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Palavras associadas a lixo em porcentagem

Frequência acima de 50%	Frequência abaixo de 50%
Aterro Sanitário	Algodão
Bateria de celular	Areia
Caixa de papelão	Aro de bicicleta
Calçado usado	Bauxita
Chiclete	Bebida
Copo descartável	Borracha
Cotonete	Caderno

Embalagem de isopor	CD
Embalagem de presente	Cartucho de impressora
Embalagem de sorvete	Celular
Embalagem de vidro	Celulose
Fedor	Charge
Garrafa de refrigerante	Chocolate
Guardanapo	Chorume
Isopor	Cola
Lata	Coleta
Lata de alumínio	Compostagem
Lata de tinta	Consumo
Nojento	Dinheiro
Pacote de biscoito	Disquete
Papel de bala	Efeito estufa
Papel higiênico	Energia eólica
Papelão	Faca
Plástico	Ferro
Plástico com sobras de alimentos	Fone de ouvido
Pilha	Gibi
Pneu	Gordura
Resíduo	Homem
Sache de maionese, mostarda	Hidroelétrica
Sacolas de papel	Iodo
Sacolas de plástico	Jornal
Sobra de alimentos	Lâmpada
Sobra de varrição	Livro
Xepa de cigarro	Meio ambiente
	Metano
	Morte
	Mudanças climáticas
	Mudanças de temperatura
	Natureza
	Níquel
	Óculos
	Óleo de cozinha
	Óleo lubrificante
	Paisagem
	Papel
	Reciclável
	Revista
	Roupas usadas
	Separação
	Tênis
	TV
	Triagem

As frequências dos conceitos com seus significados e imagens nos levam ao mundo social em que o indivíduo está inserido. Os educandos revelam conhecimentos sobre embalagens de vários materiais, mas para a maioria deles elas são lixo. Observamos que 40(quarenta) educandos apresentam conhecimento sobre aterro sanitário, 25 (vinte e cinco) educandos o associam a metano (gás produzido pela decomposição de matéria orgânica e um dos causadores do efeito estufa) somente 23(vinte e três) educandos assinalaram o conceito reciclável a lixo, 20(vinte) marcaram separação, 15 (quinze) o associaram a mudanças climáticas, 14 (quatorze) o relacionam ao homem, 19 (dezenove) a coleta, 11(onze) a compostagem e triagem, 10 (dez) a consumo e mudanças de temperatura e 8 (oito) a meio ambiente.

Percebemos que os educandos investigados têm familiaridade com as questões problemáticas geradas pela produção, manuseio e descarte inadequado de lixo. Os

significados e imagens associados às palavras nos descrevem a necessidade de aperfeiçoarmos, aprofundarmos e ampliarmos os conhecimentos que compõem a formação ambiental escolar para todas as turmas e cursos que a escola oferece. Devemos contribuir com a formação cultural e socioambiental deste sujeito que se familiariza com a escola, pois ele vivencia o seu dia-a-dia por um período de três anos. Durante a formação educacional e profissional destes sujeitos, a escola deve criar e proporcionar ações que possibilitem a construção de uma consciência ambiental neste cidadão, o qual sairá deste espaço em busca de uma vaga no mercado de trabalho altamente competitivo e nada democrático, ou ainda, enfrentará um vestibular para acessar ao ensino superior.

A escola deve aproximar os conceitos referentes à responsabilidade socioambiental, alertar os indivíduos sobre os problemas gerados pelos modos de produção e consumo de nossa sociedade, abordar temas interdisciplinares que facilitem uma maior reflexão sobre as práticas de consumo e os valores culturais materialistas que estão presentes nos diálogos e conversações dos indivíduos, influenciados pelos meios de comunicação e produção da sociedade contemporânea.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos, a partir das interpretações das falas dos educandos, a necessidade de repensarmos as práticas educacionais e filosóficas que constituem o pensamento da nossa unidade escolar, pois, conforme constatamos, o educando ao chegar ao colégio já traz em seu discurso conceitos relacionados e veiculados pela educação ambiental. Ele conhece a filosofia dos 3Rs (reduzir, reaproveitar e reciclar), reconhece os problemas e impasses divulgados pela ciência e pela tecnologia em relação às questões ambientais causadas principalmente pelos modos de produção e pela conduta consumista difundida pela hegemonia capitalista.

O educando assimila as novas representações sobre as questões que envolvem o consumo, o descarte de lixo como objetivações associadas ao objeto investigado. Há em sua fala conceitos que envolvem ações de reaproveitamento e reciclagem, ações que fazem parte do senso comum do grupo. Mas um dos princípios fundamentais que envolvem a filosofia dos 3Rs, a redução de bens materiais, ainda não está ancorado a este ressignificado, ele ainda não se expressa na representação social de lixo desses educandos.

O educando mantém práticas de consumo que demonstram um descaso com os problemas sociais gerados pela desigualdade social e econômica em que vive a sociedade civil de um modo geral, onde poucos consomem muito enquanto muitos não têm o mínimo necessário para garantir a sobrevivência.

A escola é um dos meios de comunicação que contribui para a formação dos sujeitos, tanto intelectualmente quanto emocional e socialmente. A escola deve despertar a curiosidade e o interesse pelos temas conflitantes que permeiam os discursos e os alertas dados por cientistas e pela sociedade civil organizada, divulgados e propagados pelos meios de comunicação, pela mídia. Mary Rangel (2004) reconhece na teoria das representações sociais o potencial didático, pois

(...) se os objetos do conhecimento teórico são em princípio, estranhos aos sujeitos; se a representação social é uma forma de conhecimento pela qual os objetos tornam-se "familiares" e são incorporados, assimilados, é possível reconhecer na constituição das representações, o seu potencial didático. (p.18)

Reconhecemos nas práticas de representações sociais um recurso metodológico de ensino-aprendizagem, pois através da identificação dos conceitos e significados que permeiam o discurso dos educandos do Colégio Agrícola de Camboriú, podemos construir e elaborar práticas interdisciplinares que possibilitem práticas participativas de educação ambiental levando à construção de novos significados ou novas representações sociais tanto dos educandos, como também de toda a comunidade escolar. Pensamos que uma nova filosofia, um novo pensar deve ser adotado pela comunidade escolar, contribuindo assim para mudanças de comportamento e atitudes individuais que possibilitem uma nova interação entre o sujeito e o objeto investigado, o ambiente escolar e socioambiental em que o educando está inserido.

Recorremos novamente a Rangel (2004) ao afirmarmos que a educação ambiental deve ser reconhecida como uma filosofia escolar e não meramente como uma disciplina que é ministrada apenas a um grupo específico de educandos, como o é em nossa escola, pois apenas o curso técnico em Agropecuária tem em sua grade curricular a disciplina de Formação Ambiental, ministrada pela professora de Geografia. Portanto, acreditamos como a autora que a educação ambiental

(...) pode (deve) superar os limites de disciplina específica do curriculum para alcançar a dimensão de um projeto político-pedagógico: um projeto que se formule e implemente de forma conscientizadora da necessária parceria entre a escola e a comunidade, em favor do conceito de meio ambiente associado à vida social, política, humana, de qualidade, respeitando os direitos e deveres de cidadania. (p. 51)

No momento que as representações sociais de um grupo são identificadas podemos refletir, discutir e vislumbrar outras ressignificações necessária para avançar nos conceitos, imagens, bem como na conduta e interação com o objeto analisado e propor ações educacionais que alertem sobre os prejuízos socioambientais resultante da falta de conhecimento sobre o tema investigado (lixo) e as consequências do consumo exagerado de bens materiais divulgados pelo modelo de desenvolvimento da economia capitalista.

Não basta reutilizar, reaproveitar ou reciclar o lixo, precisamos sim, reduzir o consumo, pois entendemos que quanto maior o consumo, maior a quantidade de lixo produzido e descartado no ambiente. O consumo movimenta a indústria. O que o consumidor deseja, influencia na oferta e na produção, e a moda dita os produtos a serem consumidos. Hoje produtos são lançados para atender as necessidades das várias identidades e etnias que constituem os grupos que compõem a sociedade. Cada grupo busca atender as suas necessidades, seja ela material ou emocional. Portanto percebemos que essas necessidades são salientadas pelos conhecimentos, percepções, valores, costumes e práticas incorporadas ao senso comum. Sendo assim, aquilo que lhes é familiar contribui para a reconstrução das representações sociais.

Percebemos a necessidade de alertarmos a comunidade escolar sobre as consequências ambientais geradas pelo consumo exagerado de bens materiais, pois este consumo leva à escassez dos recursos naturais e salienta as diferenças entre as classes sociais e as nações.

A escola deve recriar suas práticas de ensino-aprendizagem e incentivar uma reflexão mais aprofundada sobre as ações humanas que geram intervenções pontuais e problemáticas no meio em que vivemos. Acreditamos que a educação ambiental não deve ser vista apenas para sensibilizar as pessoas, atendendo as políticas educacionais. As ações pedagógicas devem proporcionar, mediar os conflitos e reflexões que possibilitem a construção de um pensar crítico e político sobre a sociedade da qual o educando faz parte e sobre as suas ações individuais, seu estilo de vida. Compactuamos com Sato(2001) sobre o papel transformador da educação ambiental, pois ela contribui para a autonomia do cidadão, possibilita a liberdade de expressão, propõe mudanças radicais no pensamento e nas formas da sociedade agir com o entorno e com o mundo. Ela não só salienta a dimensão ambiental, mas leva à reflexão da dimensão cultural e social na qual o sujeito está inserido e assim o representa.

Portanto, enquanto encararmos a educação ambiental apenas como mais uma das exigências das políticas educacionais nacionais atendidas, estaremos reduzindo ainda mais o conceito da educação ambiental e inibindo as ações ambientais desenvolvidas por alguns professores, principalmente os que atuam com os educandos do curso técnico em Meio Ambiente e o trabalho desenvolvido pela professora de Geografia que ministra a disciplina Formação Ambiental para os educandos das primeiras séries do curso técnico em Agropecuária.

Segundo Sato(2004) devemos pela educação ambiental contribuir para a construção de um ser humano preocupado com o modelo de desenvolvimento da sociedade contemporânea, pois este inibe as ações sociais que buscam uma sociedade mais justa e que respeite o meio ambiente na sua dimensão cultural e ambiental. A educação ambiental transforma valores, reconstrói significados, hábitos, sensibiliza as inteligências, incentiva a reflexão da postura individual frente o coletivo e o ambiente, exige novos comportamentos frente aos impasses causados pelas diferenças culturais e ambientais, portanto um cidadão

(...) que se posicione, além do poder econômico, mas que atende as necessidades sociais, ecológicas e também espirituais, compreendendo a ética, a paixão e a solidariedade como patamares fundamentais para qualquer envolvimento que tenha clareza da globalidade da Terra em sua diversidade. (R-22)

O respeito à diversidade, ao meio ambiente, à solidariedade entre os povos, à igualdade socioambiental, portanto uma nova ética e novos valores devem ser cultivados neste novo cidadão.

Entendemos que a escola deve propor uma nova ética que integre o homem à natureza, que rejeite a exploração, o consumismo e a produção impactante e, sim incentive uma nova forma de agricultura, de indústria, de urbanização e integração com o meio ambiente. Precisamos repensar os atuais modos de produção e incentivar a criação de novas tecnologias e novos manejos que favoreçam a produção e o acesso a produtos de qualidade a toda a população. A escola deve estar atenta aos conflitos e preocupada em cultivar novos valores, hábitos e conhecimentos, proporcionando pela sensibilização, pela mediação ambiental, uma nova relação entre homem, natureza e sociedade, possibilitando assim a construção de um cidadão comprometido com a melhoria da qualidade ambiental e responsável coletivamente.

Hoje o discurso escolar deve permear significados e imagens que leve o educando e toda a comunidade escolar a se questionar e observar as suas práticas de consumo de bens materiais e refletir enquanto um cidadão responsável socialmente sobre as suas ações individuais que possam contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e solidária.

A escola que se organiza e pensa o ensino de forma participativa e interdisciplinar e tem como filosofia, como projeto político pedagógico a educação ambiental, oportuniza a construção e criação de indivíduos preocupados e comprometidos com as questões socioambientais e com as futuras gerações.

Devemos proporcionar com a educação ambiental uma nova postura, um novo padrão de consumo, onde o seu entendimento ultrapasse a consciência e o individualismo, salientado pelo consumo hedonista, onde o prazer de consumir é insaciável.

Com o desenvolver da pesquisa constatamos uma apologia à reciclagem, os educandos nas suas fala “depositam” na reciclagem a solução para o problema do lixo e do consumo. Não podemos legitimar o desperdício, não podemos percebê-lo como solução para os males do consumismo contemporâneo, devemos estar atentos para que este processo não se desvincule das noções de redução e de reutilização.

Entendemos a geração de lixo não como um fenômeno isolado, mas como consequência de um estilo de vida típico da sociedade urbano-industrial. Portanto, amplia-se a necessidade de uma educação mediada pela educação ambiental, pois acreditamos que as discussões, os conflitos gerados sobre o objeto lixo e as redes de conhecimento criadas a partir do objeto possibilitam uma maior familiarização com o fenômeno do consumismo, do desperdício e da crise socioambiental gerada pelos padrões de consumo da sociedade contemporânea.

As atividades desenvolvidas sob o olhar da educação ambiental seguem uma abordagem humanista, e tem como princípio acreditar que as pessoas têm grande potencial para a auto-realização e mudança. Portanto, o trabalho em educação ambiental busca fortalecer o espírito de cidadania, de solidariedade e de respeito aos bens da coletividade.

Finalmente pensamos que uma reflexão sobre o consumo contemporâneo e seus impasses socioambientais pode fazer emergir um novo consumidor, um novo ator social preocupado com as questões ambientais, um consumidor responsável socioambientalmente. De acordo com Portilho (2005) um consumidor capaz de repensar e “modificar suas escolhas individuais e diárias de consumo, exercendo pressão sobre os sistemas de produção” (p.34), possibilitando assim mudanças na forma e estilos de pensar e fazer política, valorizando novas formas de participação e ações tanto dos consumidores individuais quanto dos grupos. As novas estratégias educacionais devem favorecer a participação dos cidadãos comuns na questão ambiental e produzir novas formas de fazer e exigir seus direitos enquanto cidadão, pois elas contribuem para a criação de uma força política ambiental agregadora e emancipadora, a construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning - LTDA. c.1998. Cap.7: O planejamento de pesquisas qualitativas. p.147 - 177.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10004-Resíduos sólidos**. Fórum Nacional de Normatização. 1987. 63f.
- BARBOSA, Claudio L. A. **A filosofia e seu ensino na escola pública: resultados de uma pesquisa em representação social**. In: SIMPÓSIO SUL-BRASILEIRO SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA, 7., Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUC, 2007. 1 CD-ROM.
- BARBOSA, Claudio L. A. **Educação física escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.
- BARBOSA, Livia, CAMPBELL, Colin (org) **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994. Fundamentos teóricos. p.52 – 62.
- CAMPBELL, Colin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO; Brasil, 1992; Rio de Janeiro. **Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente E Desenvolvimento**. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996. 591p.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1994.
- DUARTE, Regina. **Entrevista em pesquisas qualitativas**. Curitiba: UFPR, 2004. p.213-225.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. c 1986.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- JODELET, Denise (org), **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LEI Nº 9795/99. disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/19795.htm > acessado em 08. fev. 2007.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso**. São Paulo: EPU, 1986. p.11-24.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário escolar Luft da língua portuguesa/Celso Pedro Luft: colaboradores Francisco de Assis Barbosa e Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão Lya Luft**. Ed. atual e reformulada. São Paulo: Ática, 2005.
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2006.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- MOSCOVICI, Serge, in GUARESCHI, Pedrinho, org. **Prefácio**. p. 07-16. Textos em representações sociais. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 324p.
- MOSCOVICI, Serge. **A representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho Guareshi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.
- RANGEL, Mary. **A análise de conteúdo e a análise do discurso como opções metodológicas na pesquisa de representação social**. Cadernos de Educação, Pelotas, n 11, p.11-136, jul/dez, 1998.
- RANGEL, Mary. **A pesquisa de representação Social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais**. Aparecida, SP: Idéias&Letras, 2004.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1998;
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- SATO, Michèle. **Educação ambiental**. São Carlos: RiMa, 2003,
- THIEL, Afrânio Austragésilo. (org). **Projeto político pedagógico do Colégio Agrícola de Camboriú**. Camboriú-SC: 2001, (s.n). 74f.

ANEXO 1 - PESQUISA: PERCEPÇÃO DE LIXO

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Sexo:

() masculino () feminino

1.2 Qual a sua idade? ____ anos.

1.3 Você concluiu a 8ª série em escola:

() pública () particular

1.4 Em qual curso técnico você está matriculado no CAC?

() Curso Técnico em Agropecuária
() Curso Técnico em Informática

1.5 Qual a série que você frequenta?

() 1ª série
() 3ª série

2 PERCEPÇÃO DE LIXO

2.1 Descreva em poucas palavras o que você entende por lixo:

2.2 Escreva 3 adjetivos para lixo. Lixo é:

- a) _____
b) _____
c) _____

2.3 Assinale com um “X” os espaços em branco que antecedem as palavras que você associa a lixo. Você pode assinalar quantas palavras achar necessário:

	algodão		embalagem de sorvete		óculos
	areia		embalagem de vidro		óleo de cozinha
	aro de bicicleta		energia eólica		óleo lubrificante
	aterro sanitário		faca		pacote de biscoito
	bateria de celular		Fedor		paisagem
	bauxita		ferro		papel higiênico
	bebida		Fone de ouvido		papel de bala
	borracha		garrafa de refrigerante		papelão
	cabelo		gibi		pilha
	caderno		gordura		plástico
	CD		guardanapo		plástico com sobras de alimentos
	caixa de papelão		hambúrguer		plástico filme
	calçado usado		homem		podas de jardim
	cartucho para impressora		hidroelétrica		pneu
	celular		iodo		Reciclável
	celulose		isopor		resíduo
	charge		jornal		revista
	chiclete		lâmpada		roupas usadas
	chocolate		lata		sache de maionese, mostarda
	chorume		lixiviação		sacolas de papel
	cola		lata de alumínio		sacolas de plástico
	coleta		lata de tinta		separação
	compostagem		livro		Sobra de alimento
	consumo		meio ambiente		sobras de varrição
	copo descartável		morte		tênis
	cotonete		mudanças climáticas		TV
	dinheiro		mudanças de temperatura		triagem
	Disquete		natureza		vídeo cassete

	Efeito estufa		níquel		veículo
	Embalagem de isopor		nitrogênio		vidro
	embalagem de presente		nojento		Xepa de cigarro